



ALBERTO PUCHEU

*[mais cotidiano que
o cotidiano]*

azougue
para *viagem*

ALBERTO PUCHEU

[*mais cotidiano que
o cotidiano*]

a azougue
editorial

2013

 **FAPERJ**
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Coordenação editorial
Sergio Cohn

Assistência editorial
Evelyn Rocha

Projeto gráfico e capa
Tiago Gonçalves

Revisão
Evelyn Rocha

Equipe Azougue
**Barbara Ribeiro, Evelyn Rocha, Júlia Parente,
Luciana Fernandes, Tiago Gonçalves e Welington Portella**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
P973m

Pucheu, Alberto, 1966-
Mais cotidiano que o cotidiano / Alberto Pucheu. - Rio de Janeiro : Beco do Azougue, 2013.
116 p. ; 18 cm. (Azougue para viagem ; 4)
ISBN 978-85-7920-135-6
1. Poesia brasileira. I. Título. II. Série.

13-06788

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

01/11/2013

05/11/2013

[2013]

Beco do Azougue Editorial Ltda.
Rua Jardim Botânico, 674 sala 605
CEP 22461-000 - Rio de Janeiro - RJ
Tel/fax 55_21_2259-7712

[facebook.com/azougue.editorial](https://www.facebook.com/azougue.editorial)

www.azougue.com.br

azougue - mais que uma editora, um pacto com a cultura

SUMÁRIO

5 APRESENTAÇÃO

TOW-IN

- 9 I - É preciso aprender a ficar submerso
- 11 II - Tow-in
- 14 III - Into the waveland
- 15 IV - Como eles, mas diferente
- 18 V - arranjo em busca de um paradigma para a relação entre o crítico literário e o poeta

COTIDIANAMENTE

- 21 I - Arranjo para tornar o mundo cada dia pior e mais violento (antivoz)
- 25 II - Arranjo para tornar o mundo cada dia menos violento (pós-voz)
- 26 III - Cotidianamente (voz)
- 31 IV - Poema para ser lido na posse do presidente (antevoz)

37 À ESPERA DOS BÁRBAROS

39 LUIZ CARLOS MARQUES DA SILVA

41 O AMOR

43 EM OUTRAS PALAVRAS

45 RASCUNHO EM QUARTO DE HOTEL

47 IAQUE

49 PERFIL PARCIAL DE UM PROCEDIMENTO, ESCRITO POR CAIO MEIRA

53 TRANSCRIÇÃO *IPSIS LITTERIS* DE UMA FALA EM UMA BANCA

59 K.

- 61 ARRANJO PARA TORNAR O MUNDO CADA DIA PIOR
E MAIS VIOLENTO, II
- 65 O TESTEMUNHO DA MENINA DA BONECA DE KAFKA
- 69 ANOTAÇÕES DE TURISMO E LAZER

POEMAS ESCRITOS NO MEIO DO VALE DO SOCAVÃO

- 75 I
- 76 II - Tradução livre de um fragmento recém-descoberto
no Vale do Socavão do proêmio da cosmogonia de Lino
- 78 III - From Gagarin's point of view (da ética contemporânea)
- 80 IV - Short time
- 82 V - Édipo e o enigma

- 85 PONTO CEGO (DA FORÇA E DA FRAQUEZA DE NOSSO TEMPO)
- 87 FECHER OS OLHOS E LEIA
- 89 ARRANJO PARA ALEX SUPERTRAMP (NA NATUREZA SELVAGEM)

O LIVRO DE HOJE DO AMOR

- 91 I - De pistolas, crucifixos e jasmims
- 92 II - Arrebentação
- 93 III
- 95 IV - Certidão
- 96 V - Não são só palavras
- 100 VI - O livro de hoje do amor
- 106 VII - Rabiscos da intimidade anunciada

- 109 AUTOBIOGRAFIA NO ABISMO DE UM ENJAMBEMENT

APRESENTAÇÃO

Miguel Sanches Neto

A poesia moderna cultuada no centro do poder lírico é a das ruínas de linguagem, em que as palavras funcionam como pedras soltas que pouca capacidade têm de comunicar. Renunciando a seu poder de significação, ela se fez insignificante, em um hermetismo que anula o mundo ao seu redor. São textos que nada dizem além da autorreferencialidade da linguagem.

Para um poeta contemporâneo que não queira o retorno às fontes clássicas do lirismo e que também não se reconheça nesta abstenção de sentido, resta o difícil caminho de salvar como literatura as linguagens em circulação tumultuadas no agora. É isso que faz de Alberto Pucheu um dos poetas mais originais e intensos do Brasil.

Da lição modernista, Pucheu reteve a estratégia de retirar poesia de todo e qualquer processo de comunicação. Deixando a estrada segura do lirismo, ele envereda pelos atalhos contemporâneos da língua falada e escrita pelos mais diversos atores. Escutador do outro, é com as inúmeras e espúrias vozes que ele constrói seus textos.

Temos aqui uma poesia que se apropria das ferramentas da crônica – e isto explica o título do livro – para penetrar na linguagem viva de uma cidade, o Rio de Janeiro, marcada pelo convívio (muitas vezes forçado) entre classes. Tudo entra nesta poesia, numa espécie de sujeira social que contamina (e limpa) o idioma lírico.

Os poemas que o leitor vai encontrar aqui se comunicam com a crônica não só pela linguagem prosaica, mas também pela estratégia de composição. O poeta (que pode aparecer na forma de um eu ou de um ele) se deixa povoar por todas as manifestações de discurso, da fala dos surfistas à carta de um assassino, do que dizem as pessoas no trem aos e-mails dos amigos, para montar, como se fosse uma instalação de palavras, os seus poemas. A este procedimento ele dá o nome de arranjos.

Esta maneira atenta e artística de potencializar os vários ruídos urbanos convive com as leituras filosóficas que o poeta faz em seus momentos de isolamento, criando uma sobreposição desses dois universos, o das experiências cotidianas com as linguagens em estado de crônica e o dos grandes textos universais.

É deste contato do popular e do erudito que vem a grande força expressiva de um livro que traz uma energia de linguagem tão acentuada que torna os temas mais banais em extensos e intensos discursos líricos.

Neste projeto poético, o ancestral de Pucheu talvez seja Walt Whitman ou um Álvaro de Campos, pois há um idêntico desejo de não recuar diante do contemporâneo. Sua poesia não nasce dos contratos líricos, mas de uma consciência do poder narrativo do poético, aberto às potencialidades da sugestão. São poemas com um sopro épico, tratando da matéria – linguística e existencial – do tempo presente de uma maneira erótica.

Entre as várias temáticas, sobressai no livro a questão amorosa. No poema-síntese que é "O livro de hoje do amor", há a encenação

de uma vida conjugal lírica e devassa, uma versão do amor em tempos de oferta fácil de sexo. Mas há também a presença de vozes múltiplas que contam o amor sem nenhum tipo de falseamento.

Mais cotidiano que o cotidiano é a celebração dionisíaca da existência numa cidade-linguagem em que as vozes-pessoas se misturam.

TOW-IN

I - É PRECISO APRENDER A FICAR SUBMERSO

É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo. É preciso aprender.
Há dias de sol por cima da prancha,
há outros, em que tudo é caixote, vaca,
caldo. É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo, é preciso aprender
a persistir, a não desistir, é preciso,
é preciso aprender a ficar submerso,
é preciso aprender a ficar lá embaixo,
no círculo sem luz, no furacão de água
que o arremessa ainda mais para baixo,
onde estão os desafiadores dos limites
humanos. É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo, a persistir, a não desistir,
a não achar que o pulmão vai estourar,
a não achar que o estômago vai estourar,

que as veias salgadas como charque
vão estourar, que um coral vai estourar
os miolos – os seus miolos –, que você
nunca mais verá o sol por cima da água.
É preciso aprender a ficar submerso, a não
falar, a não gritar, a não querer gritar
quando a areia cuspir navalhas em seu rosto,
quando a rocha soltar britadeiras
em sua cabeça, quando seu corpo
se retorcer feito meia em máquina de lavar,
é preciso ser duro, é preciso aguentar,
é preciso persistir, é preciso não desistir.
É preciso aprender a ficar submerso
por algum tempo, é preciso aprender
a aguentar, é preciso aguentar
esperar, é preciso aguentar esperar
até se esquecer do tempo, até se esquecer
do que se espera, até se esquecer da espera,
é preciso aguentar ficar submerso
até se esquecer de que está aguentando,
é preciso aguentar ficar submerso
até que o voluntarioso vulcão de água
arremesse você de volta para fora dele.

II - TOW-IN

Na faculdade, escutei que alguém, tempos atrás,
teria dito: tudo é água. Quando o jet ski
me reboca, largando-me no topo
destas ondas anteriormente começadas
e não escolhidas por mim, máquina, mar e eu
somos apenas um, a mesma entidade viva
respirando uma ausência qualquer de limites.
Sei que posso morrer a cada instante
no improviso. Que, perdido no terror
de uma mandíbula, que, perdido
no amor de uma mandíbula, sem saber
de que lado está a cava nem de que lado,
a crista, triturado dentro desta mastigação
por uma avalanche de águas,
uma onda pode me matar. Sei que a máquina,
com o companheiro a acelerando em vão,
igualmente imersa em bolhas, solavancos
e espumas muito mais potentes do que ela,
ainda pode falhar, não rebocando mais uma vez
a minha vida, deixando-a espatifada
em algum rochedo próximo ou num coral submerso,
de modo que nada mais em mim
se distinga – jorrando – da onda.
E quem tem força para matar
é sempre muito perigoso. É tão assustador
que acho mesmo que já morri algumas vezes
no caldeirão de água espumante.
Renasço, a cada dia, de dentro do caldo
do esquecimento e da vala do sono.

Surfar nem sempre é o mais difícil; o mais difícil é conseguir sobreviver. Este mar é o local em que homens e meninos se distinguem. Em que homens recebem suas medidas sobre-humanas. Em que homens eram menores do que ele, até conseguirem surfá-lo. Não venham para cá se não puderem contar com seus próprios colhões. E com algo mais. Não venham para cá, se, pelados pelas ondas, não se garantirem. E, mesmo assim, não venham... Não venham para cá se não puderem morrer. Se não puderem ser um com o mar. Se não souberem que a prancha que me separa – mínima linha no abismo, quilhas e bordas em manobras, cortes, idas e vindas sulcando o muro infinito –, é a mesma que me une ao sol de água: a prancha da coragem e da perícia que, usando a força para lidar com a força, me preserva num ínfimo já líquido de mim. Aqui é o único ambiente em que, nesta porrada animal, enquanto os homens se sentem horrorizados, eu, bicho marinho, me sinto em casa. Aqui é o limite entre o prazer, o êxtase e a morte. Mesmo com o barulho do motor da máquina marítima, do vento forte dificultando tudo ainda mais, da zona de impacto nos arrastando submersos na água gelada por quase 500 metros, do helicóptero que espreita com suas câmeras por cima, da prancha vibrando seu impacto

no estalo repetido contra a superfície aquática
e no ritmo ofegante das batidas do coração,
aqui é o lugar mais silencioso que existe:
escuto a circulação do sangue dos golfinhos,
tubarões e gaivotas, o sistema nervoso
das areias, horizontes e céu, a voz rudimentar
de algas, ostras, conchas e ouriços.

Por isso, volto sempre para cá,
para estas ondas monstruosas
em cujos topos me sinto maior
do que os penhascos que me espreitam
por sobre as cidades e arranha-céus,
sabendo que, aqui, o estilo não é nada
senão o imposto a cada um pela necessidade
da vida em seus extremos.

Temo os 30 metros que me cobrem
(e o bafo que se estende por 100 metros),
mas temo, muito mais,
as coisas mesquinhas da vida.

III - INTO THE WAVELAND

Aqui bem perto, na orla, as ondas quebram,
aproximando-se de nós, juntando-se à cidade
da qual surfistas partem para surfá-las,
vendo e sendo vistos por todos que caminham,
dirigem, pedalam, namoram ou tomam sorvetes
na calçada, na rua, na pedra ou na ciclovía,
numa relação em que os do mar e os da cidade
– misturados – cuidam reciprocamente de si,
como se pudessem trocar, ao menos uma vez,
ou até duas, quem sabe três, de lugar.
Como admiro isso. E admiro, ainda mais,
as ondas (e aqueles que as enfrentam)
quando são selvagens, sem inteligência própria
nem de ninguém por perto, as ondas
que não procuram a cidade ao quebrar
por sobre ela, mas que, ao longe, em alto-mar,
onde o mar quebra tão somente sobre o mar,
obrigam os homens a partir para elas, a se partir
por sobre elas, a se partir sob elas,
a se perder nelas – sem qualquer cidade
que possa, dessa vez, salvar de sua barbárie.

IV - COMO ELES, MAS DIFERENTE

Eles seguem o conceito polinésio de waterman, que exige do surfista a mesma entrega ao oceano e à terra, a mesma confiança em ambos. Um verdadeiro waterman consegue nadar durante horas nas condições mais adversas, salvar vidas à vontade, remar cem quilômetros quando necessário, resguardar uma dose de tranquilidade para os momentos em que não tem como saber de que lado está o mar, de que lado a terra, de que lado o fundo, de que lado o céu, e conviver com todas as criaturas do oceano, inclusive, todos os tipos e tamanhos de tubarões. Um waterman conhece como ninguém seu ambiente, seus humores, reviravoltas, idiossincrasias, e, como proteção instigadora a preservar sua coragem, nem sempre se dá conta da medida do perigo que está correndo. Ele sente as mudanças mais sutis do vento, ele sabe como o vento afeta a cada momento a água, ele consegue navegar se orientando apenas pelas estrelas, ele reconhece que o oceano atua em uma proporção que torna até mesmo as maiores iniciativas do ser humano insignificantes. Além de surfar as ondas, ele sabe como elas funcionam, ele as conhece por baixo e por cima, por fora e por dentro, usa de todos os sentidos e tecnologias para saber onde elas estarão explodindo em maior escala nos próximos dias. Ele as ama,

e, em decorrência desse amor,
um waterman demonstra o que de fato sente:
um respeito apropriado por seu elemento.
Sigo o que eles seguem, mas,
embora afeito às águas,
meu ambiente é outro. É às palavras que,
acordado ou dormindo, me submeto,
elas me traduzem muitas vezes em altos volumes
com erros que tomo provisoriamente como direções
possíveis, e muitos dos nomes dos sentimentos,
ou do que quer que seja do que ocorre em mim,
são apenas uma maneira a mais de dizer
o que não sei que sinto que elas dizem por mim,
escuto-as nas muitas mesas vindas de amigos
que por elas me lançam entre ideias e corpos,
com elas sussurro nas horas de amor e carinho
tentando guardá-las lá dentro do corpo amado,
ou, nelas, quem sabe, guardá-lo até quando consigam,
com elas consolo o desconhecido
que passa na rua com os olhos cheios de lágrimas,
tentando, também com elas, retirar a tristeza do outro
e, sempre que ocorre, igualmente de mim,
por elas me deixo analisar em busca
de um caminho que me livre de algumas repetições
ou me faça razoavelmente sereno com elas,
com elas escrevo poemas em que, com seus excessos
e carências, a vida está sempre sendo jogada,
por elas ganho uma sobrevida e perco o que haveria
para ser perdido, com elas ensaio um itinerário
por sobre o que outros traçaram, ora copiando-os,
ora riscando contornos, desvios e atalhos

pelos quais sozinho jamais imaginara ir. Por elas,
escrevendo de inúmeras maneiras e falando
diariamente em público, não ensinando nada
senão a como aprender a conviver mais intensamente com elas,
sigo o que eles seguem, apenas em outro ambiente:
o conceito de languageman.

V - ARRANJO EM BUSCA DE UM PARADIGMA PARA A RELAÇÃO ENTRE O CRÍTICO LITERÁRIO E O POETA

A parceria é talvez o aspecto mais importante em uma equipe de tow-in, porque a sua sobrevivência depende da sua outra metade. Você não deve fazer tow-in com uma pessoa que não é qualificada e também não deve pilotar o jet ski para quem não é qualificado. Surfar não quer dizer só você surfar as ondas. Tem aquele lado também de você puxar o cara, ser o piloto do surfista, do seu parceiro. É muito adrenalizante, porque o tempo inteiro você sabe que, além de surfar aquela onda enorme, de ter de se sair bem, você também tem de puxar bem. Seu amigo depende daquele seu momento de inspiração, de boa pilotagem, de botar ele nas ondas, na posição perfeita, para que tudo dê certo, tudo ocorra bem e, no final, ambos saiam felizes. Quando chegou a minha vez de rebocar, eu falei: – Saca só, é assim que se pilota, é assim que se coloca o seu garoto na onda! Eu coloquei o cara no ponto e disse: – Uhuuu, agora sim! O tow-in é uma combinação entre surfar e salvar vidas, e a salvação para o surfista é o seu anjo motorizado. Se você cair, já era. Você vai precisar de resgate. Não tem como sair sozinho. É o oceano inteiro se erguendo para cair na sua cabeça. São necessários dois surfistas muito experientes em ondas grandes para fazer uma dupla profissional. Ambos devem ser competentes nas duas disciplinas. Você tem que ser melhor do que jamais imaginou para resgatar alguém da zona de impacto. Você precisa de todos os requisitos necessários. Os dois devem trabalhar juntos o tempo todo até ficarem à vontade em qualquer situação, porque o jet ski pode quebrar, e aí ambos terão que nadar. É uma máquina, ela pode apresentar uma falha mecânica ou ainda acontecer um erro humano. Tudo é possível. Enquanto o surfista ganha a glória, o verdadeiro herói é o cara que dirige o jet ski. O jet ski coloca o surfista na onda e depois, para o caso de o surfista ser esmagado pela imensidão branca, tem de

compartilhar atentamente com ele toda a descida. Quando você sai de uma onda, está a oitenta quilômetros por hora. É necessária uma força de trinta toneladas por metro quadrado para danificar um navio. Uma onda de trinta metros quebrando concentra cem toneladas por metro quadrado e consegue partir um navio pela metade. Ela quebra como uma descarga de escopeta, como uma bomba atômica. É como correr quatrocentos metros prendendo a respiração e sendo golpeado por cinco Mike Tysons. É como ser atropelado por um carro. É como um trem atingindo você, essa explosão. Não se trata de surfar por diversão. É surfar ou morrer. Sem a ajuda da outra pessoa a algumas centenas de metros, o surfe de onda gigante é suicídio. O intervalo entre as ondas é de dez a vinte segundos e podemos prender a respiração por cerca de três minutos. Se você ficar debaixo da água por duas ondas, os surfistas vão dizer que é muito grave; se ficar preso por três ondas, a maioria vai dizer que você vai morrer; se forem quatro ondas, terão certeza de que está morto. O surfe com reboque fez o impossível ser surfável. De repente você está sendo rebocado e uma série enorme se aproxima. Você diz: – Pode escolher, me coloque onde você gostaria de ser colocado. E você vem lá detrás, sem saber o tamanho da onda, você sente que pode ser uma grande e, subitamente, você pode estar na maior onda de sua vida. Você pensa em tudo que já fez na vida e na porra do está fazendo ali. Só estou chegando a este nível porque eu tenho sido guiado por esses caras para chegar a este nível. Eu e Jeff nos tornamos parceiros este ano. Com meu conhecimento e a experiência dele em ondas decidimos que seria um casamento perfeito. Saber rebocar alguém para dentro de uma onda grande, saber como posicioná-lo... É algo tridimensional agora: temos homem, máquina e onda. No surfe de remada, você depende de suas habilidades, de sua capacidade de julgar a onda para decidir onde se posicionar e qual onda pegar. A partir de uma certa altura, é praticamente impossível, ou realmente impossível, entrar nas ondas com a remada; então usamos

a corda para nos puxar para as ondas gigantes. Na primeira vez, não havia ninguém ali. Ninguém havia surfado ondas daquele tamanho. Era o desconhecido. Como o espaço sideral ou o mar profundo. Não sabíamos se iríamos retornar. No tow-in, você deixa seu parceiro escolher a onda. Era um monstro gigante atrás de meu parceiro e ele era apenas um grão de areia diante dessa boca enorme. Se ele olhasse para trás, provavelmente teria desmaiado. Eu o coloquei na onda e chegou o ponto em que eu quase disse: não largue a corda. Quando olhei para trás, ele já a tinha largado.

P.S.: Esse arranjo foi feito com as falas de surfistas, tiradas de diversos filmes e livros.

COTIDIANAMENTE

I - ARRANJO PARA TORNAR O MUNDO CADA DIA PIOR E MAIS VIOLENTO (antivoz)

quero deixar bem claro que eu sou contra as guerras ou quaisquer que sejam os atos de violência sem motivo justo, e também quero deixar bem claro que eu não sou o responsável por todas as mortes que ocorrerão, embora meus dedos serão responsáveis por puxar o gatilho. eu era para continuar vivendo, respirando, vendo, ouvindo, sentindo, mas por culpa dos infiéis eu não poderei mais ver, ouvir, sentir, respirar, por culpa deles minhas funções de ser vivo irão cessar, por culpa deles muito em breve estarei morto. mas eu abri mão de minha vida por vocês, irmãos. se deus achar que sou merecedor, deus irá me restaurar e colocar uma porção de seu espírito em mim para que eu reviva e finalmente tenha vida eterna. quem sabe serei transformado de mero ser carnal para um ser espiritual, para a vida eterna dos céus. mas, se deus achar que não sou merecedor, se julgar o que fiz como desnecessário, estou ciente de que permanecerei adormecido na morte por toda a eternidade, mas pelo menos morri

pelos fiéis e nunca me arrependeria disso. morri para inspirar vocês, irmãos, a se defenderem e se fortalecerem. hoje em dia existe a internet, existem sites em que se pode criar comunidades para que os irmãos se encontrem, outros sites possuem conteúdos, ensinando a como fazer bombas, por exemplo. juntos serão muito mais fortes, juntos poderão planejar investidas muito maiores contra os infiéis, juntos poderão adquirir fundos para compra de armas, munição e material para fabricação de explosivos. os conservadores precisarão tomar o poder político e militar dentro dos próximos 70 anos, senão a única alternativa será a continuidade do modelo de bastardização, muito próximo ao do brasil, onde tem vigorado a miscigenação. essas orientações se mostraram catastróficas. o brasil se estabeleceu como um país do segundo mundo com um extremo grau de pobreza de coesão social e um eterno conflito entre as várias “culturas” em competição, da mesma forma que uma miríade de “subtribos” (negra, mulata, mestiça, branca) paralisa qualquer esperança de um dia alcançar o mesmo nível de produtividade e harmonia encontrado por exemplo na escandinávia, alemanha, coreia do sul ou japão. é evidente que uma abordagem similar na europa seria devastadora, para não dizer que seria um grave crime contribuir para a aniquilação, desconstrução e genocídio dos povos nativos que por definição são os nórdicos. é nosso dever prevenir a aniquilação de nossas identidades, de nossas culturas, de nossas tradições e de nossos estados nações. o medo irracional de doutrinas nacionalistas está nos impedindo de parar nosso próprio suicídio nacional/cultural. mulçumanos, feministas, homossexuais, ambientalistas, ativistas dos direitos animais e outros grupos minoritários são vistos como virtuosos, enquanto os homens patriarcas cristãos europeus são vistos como o diabo. a feminização se tornou tão perceptível que os jornais e revistas estão todos agrupados em torno de um novo homem feminilizado. o que os homens escandinavos estão fazendo

a respeito disso, como nos tornamos eunucos covardes, o que aconteceu aos vikings? as mulheres conseguiram ridicularizar seus filhos suprimindo muitos de seus instintos masculinos. o que as feministas liberais irão fazer quando encararem a gangue agressiva de jovens muçulmanos? queimar seus sutiãs e atirar neles a edição de bolso do monólogos da vagina? como os revolucionários sociais proclamam, seu propósito é destruir a hegemonia dos machos brancos. sabemos que a raiz dos problemas europeus é a falta de autoconfiança cultural. não é apenas nosso direito, mas também nosso dever contribuir para preservar nossa identidade, nossa cultura e nossa soberania nacional contra a islamização em curso. a vitória da população local será o total banimento do islã tradicional. se tivéssemos executado todos os marxistas e banido suas doutrinas (inclusive seus aspectos culturais – como internacionalismo, feminismo, igualitarismo, antielitismo e antinacionalismo), não estaríamos na situação atual. mais cedo ou mais tarde retornaremos a uma nova sociedade monocultural, extremista, conservadora, em que a família nuclear e a cristandade serão os aspectos centrais. antes que nossos sistemas colapsem, é essencial que todos sejam apresentados à verdade. a verdade tem de ser conhecida. o tempo para o diálogo acabou. chegou a hora de realizar substanciosos ataques letais para usar o terror como um método para acordar as massas, ferir sua ideologia e seus propagadores. tenho a mente extremamente forte, mais forte do que a de todos que já conheci. se tivessem descruzados os braços antes, provavelmente o que aconteceu não teria acontecido: eu estaria vivo, todos os que eu matei estariam vivos. que o ocorrido sirva de lição. não deixem que o meu fim tenha sido vão. mantenha-me, deus, firme em minha esperada ação. sou um herói da europa, um salvador do nosso povo e da cristandade europeia. minhas sinceras e patrióticas lembranças. fiquem com deus, irmãos, fé em deus, irmãos. amém.

P.S.: Esse arranjo foi feito com as falas de Wellington Menezes de Oliveira, que, no dia 7 de abril de 2011, com 23 anos, invadiu a Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, matando 12 crianças, e do texto “2083 An European Declaration of Independence”, escrito por Anders Behring Breivik, que, no dia 22 de julho de 2011, com 32 anos, cometeu um atentado contra edifícios governamentais em Oslo e, horas depois, abriu fogo contra um acampamento de jovens organizado pelo Partido Trabalhista Norueguês, em Utoeya, resultando em 77 mortos.

II - ARRANJO PARA TORNAR O MUNDO CADA DIA MENOS VIOLENTO (pós-voz)

Ana Carolina Pacheco da Silva, Bianca Rocha Tavares, Géssica Guedes Pereira, Karar Mustafa Qasim, Andreas Edvardsen, Ronja Sottar Johansen, Emil Okkenhaug, Asta Sofie Helland Dahl, Monica Iselin Didriksen, Rune Havdal, Tore Eikeland, Espen Jorgensen, Karin Elena Holst, Aleksander Aas Eriksen, Victoria Stenberg, Ruth Benedicte Vatndal Nilsen, Isabel Victoria Green Sogn, Ida Beathe Rogne, Elisabeth Tronnes Lie, Monica Elisabeth Bosei, Igor Moraes, Havard Vederhus, Carina Borgund, Ingrid Berg Heggelund, Tarald Kuven Mjelde, Porntip Ardam, Andrine Bakkene Espeland, Torjus Jakobsen Blattmann, Jamil Rafal Mohamad Jamil, Tina Sukuvara, Karine Chagas de Oliveira, Larissa dos Santos Atanásio, Fredrik Lund Schjetne, Steinar Jessen, Lejla Selaci, Henrik Rasmussen, Thomas Margido Antonsen, Mona Abdinur, Anders Kristiansen, Jon Vegard Lervag, Ida Marie Hill, Hanne Ekroll Lovlie, Tamta Lipartelliani, Kevin Daae Berland, Silje Stammeshagen, Hanne Kristine Fridtun, Laryssa Silva Martins, Kjersti Berg Sand, Hakon Odegaard, Sondre Furseth Dale, Henrik André Pedersen, Eivind Hovden, Rolf Christopher Johansen Perreau, Sverre Flate Bjorkavag, Eva Kathinka Lütken, Ismail Haji Ahmed, Luiza Paula da Silveira Machado, Maria Maagero Johannsesen, Modupe Ellen Awoyemi, Lene Maria Bergum, Guro Vartdal Havoll, Marianne Sandvik, Andreas Dalby Gronnesby, Sondre Kjoren, Bendik Rosnes Ellingsen, Gizem Dogan, Snorre Haller, Johannes Buo, Sharidyn Svebakk-Bohn, Silje Merete Fjellbu, Hanne A. Balch Fjalestad, Bano Abobakar Rashid, Syvert Knudsen, Diderik Aamodt Olsen, Simon Sabo, Synne Royneland, Anne Lise Holter, Trond Berntsen, Birgitte Smetbak, Margrethe Boyum Kloven, Even Flugstad Malmedal, Gunnar Linak, Tove Ashill Knutsen, Hanna M. Orvik Endresen, Kai Hauge, Mariana Rocha de Souza, Milena dos Santos Nascimento, Rafael Pereira da Silva, Samira Pires Ribeiro.

III - COTIDIANAMENTE (voz)

Não são grandes motores que nos movem
cotidianamente, motosserras
a tombarem a seiva em nossas vidas,
guindastes nos içando no trabalho,
erguendo os pensamentos, os afetos,
todas nossas fraquezas e misérias,
britadeiras perfurando nossos corpos
em busca de algo mais que só sintomas,
eletrochoques para nos sedar
ou para nos trazer à consciência,
um chamado qualquer da vocação
nos transformando desde o mais profundo
para chegarmos logo à superfície,
alguma divindade nos salvando
ou nos lançando de vez para o inferno,
uma paixão nos aguardando, pronta,
em cada esquina, cheia de futuro,
um acontecimento a nos zerar,
nos instigando a começar, de novo,
do zero, o que jamais queremos,
mas é uma nova chance de acertarmos
ou de, de novo, naufragarmos. Não,
não são grandes motores que nos movem
cotidianamente, nenhuma grande investida
heroica nem martirizante a favor ou contra
seja que causa for, nenhum merecimento,
nenhum genocídio, guerra, banimento,
nenhuma discriminação, nenhum ato
mínimo de violência por algum motivo

supostamente justo, nenhuma pretensão
de se ter a mente mais forte
do que a de qualquer outra pessoa,
nenhum extremismo, nenhuma garantia
do pleno funcionamento do sistema,
nenhuma tomada de poder político,
muito menos militar, nenhuma defesa
das identidades pessoais ou nacionais,
nenhuma ideologia para se viver
ou para se morrer por ela, nenhuma verdade
que possa – mesmo por um breve momento –
querer se estabelecer (a não ser a presença
do vazio, da falta, do furo), nenhuma negação
da palavra a querer afugentar, em vão,
a força silenciosa do diálogo. Não,
não são grandes motores que nos movem
cotidianamente, mas aqueles
que trabalham em baixa rotação,
que quase não se deixam perceber
senão quando subitamente engasgam
e, de repente, esgarçam o tecido
do tempo, que aparece em seu limite,
em sua negação, em seu mais fora
do presente, passado e do futuro,
fraturado, deixando aparecer,
na fratura, um tempo outro, um contratempo,
um antitempo, um antetempo, um outro
lado do que chamamos como tempo
(um tempo morto, não humano, só
capim ao vento, só capim sem vento,
só vento sem capim, talvez, nem vento,

talvez, apenas o tempo morto
de alguém que sobe ou desce uma rua
matando o tempo), de onde provém e para onde vai
mesmo o tempo, ou do jeito deste elástico
de um velho moletom que estou vestindo,
ou do tecido deste mesmo jogging
com as tramas vazadas, desfiadas,
rotas, que já não podem ser cosidas.

*

Uma noite gostosa com uma linda celebridade
televisiva, uma dança em êxtase
embalada pela música eletrônica,
uma fotografia peculiar tirada recentemente,
melhorada por um dos muitos programas de computador
facilmente baixados na Internet, uma conferência
bem-sucedida em Brasília, para mais de três mil pessoas,
num congresso de Direito Esportivo,
os efeitos explosivos de uma viagem,
ou outra viagem, com suas compras enfatiadas,
com suas centenas de clichês enfatiados,
como a grande maioria das que habitualmente são feitas...
Todos sabemos que hoje é normal viver uma experiência qualquer
para, em seguida, poder contá-la em um bar
a algum amigo mais próximo ou, por e-mail e outras vias,
a quem esteja mais distante. Da mesma maneira
que, já há algum tempo, para muitos,
o melhor da viagem é, no retorno,
o narrar a viagem, hoje, todos sabemos
que o contar da experiência talvez seja mais importante

do que a própria experiência, ou que, talvez, sem o seu contar, a experiência se abata, se rebaixe, se enfraqueça, suma. Assim como a morte abrupta de um filho quando repetidamente compartilhada pela mãe na rede social, com breves suplícios escritos e sucessivas fotos douradas, parece ter sua dor minimizada, assim como um terrorista ou um assassino de crianças, jovens ou de quaisquer pessoas divulga ao público seu manifesto de uma razão totalitária, assim como os paparazzi insistem em coibir a intimidade muitas vezes com o consentimento da estrela da vez em ascensão, um amor pode subitamente acabar, ou pelo menos ser profundamente abalado, por uma postagem inconsequente e inesperada. Todos sabemos que hoje essas coisas são normais, e é certo que seja mesmo bom que seja assim já que nenhum passo pode nem deve ser dado para trás, e é certo que todas essas coisas e muitas outras nos concernem de perto e nos interessam. Enquanto, entretanto, continuam por aí divulgando os melhores ou piores momentos de suas vidas repletas dos mais excitantes ou acabrunhantes acontecimentos, enquanto continuam por aí divulgando os inúmeros momentos normais, banais, de suas vidas, enquanto continuam por aí divulgando o que quer que seja em busca de um sentido qualquer de suas vidas ao passá-las a limpo, enquanto continuam por aí divulgando o vivido de que, a cada momento, são capazes, e que só por isso já merecem ser ouvidos por todos nós, persigo o que – não por uma questão moral –, de tão cotidiano, não se consegue facilmente postar, o que – não por uma questão moral –, de tão cotidiano, não se consegue facilmente enviar, o que

– não por uma questão moral –, de tão cotidiano, não se consegue facilmente divulgar, persigo o que, de tão cotidiano, só se pode viver no paradoxo de um não vivido, o que, só assim, de tão cotidiano, com o mais esgarçado do cotidiano, com o mais engasgado, fraturado, vazado, desfiado e roto do cotidiano, com o cotidiano em baixíssima rotação (naquela rotação que, de tão baixa, parece ser possível chamá-la de o informe do cotidiano ou do mais cotidiano enquanto informe), persigo o que, com um muito mais cotidiano que o habitualmente chamado cotidiano, não consegue ser facilmente compartilhado. Admirando e certamente compactuando com tudo o que cada um de nós pode compartilhar, persigo mesmo o que, escapando, não se consegue propagar, o que, fugindo, não se consegue comunicar, esta impotência, que persigo, mostrando-a ao menos um pouco e muito mais ainda no que dela nem dá para aparecer.

IV - POEMA PARA SER LIDO NA POSSE DO PRESIDENTE (antevoz)

Ando pela calçada da rua em que moro,
em direção à Cobal, por exemplo,
onde diariamente compro alguma coisa
apenas para descansar um pouco do trabalho
cotidiano que faço em casa, e,
ao passar por uma pessoa, sou para ela
o que ela é para mim: alguém
que sobe ou desce uma rua, nada mais.
Talvez, neste momento, eu seja
também para mim e ela também para ela
o que somos um para o outro: alguém
que se esquece de onde está vindo
e aonde está indo, de seu nome, de seu trabalho,
alguém que sobe ou desce uma rua, nada mais.
Ou algo mais, ou menos, não sei, que vai
comendo o nome, o trabalho, o parentesco,
as demandas que recaem sobre nós,
largando-os pouco a pouco pelas latas de lixo
penduradas nos postes, deixando-os cair
ao meio-fio, por entre as rodas dos carros,
cumprindo o destino comum de todos dejetos.
Andando pelas calçadas, subindo-as
ou descendo-as, indo ou voltando não importa
para onde ou de onde, enquanto andamos,
desta vez não temos um encontro marcado
com nós mesmos. Mais persistentes
ou mais ausentes, mais barulhentas ou silenciosas,
diversas vidas vêm e vão em um só corpo,

aparecendo sempre alguma quando alguma é requisitada. Mas há momentos em que, entre a casa e os ofícios da cidade, entre qualquer compra, por exemplo, na Cobal, e o uso da compra ao chegar em casa, antes de qualquer contrato, de qualquer direito, de qualquer convenção, do livre arbítrio, do estado civil, antes do tamanho dos ossos, do formato da orelha, das impressões digitais dos dedos, das extensões do rosto, da fotografia em 3X4 ou em 5X7, das fotografias de frente e de perfil, antes das imagens exclusivas da íris e das retinas e dos escaneadores 3D, das câmeras que nos gravam nos bancos ou pelas ruas, antes dos DNAs guardados em algum arquivo nacional, antes da beleza e da feiúra, do código de barras na nuca – com o qual sonhei ontem – disponibilizando os corpos a uma máquina que teimasse em reconhecê-los por um número qualquer pelo qual jamais nos reconheceríamos, antes desses e milhares de outros modos de sermos apreendidos, os ócios vazios de um corpo abandonado (uma vida nua ou um posto de pura distração em que os viventes se fazem esquecidos, ou quase isto) sobem e descem uma rua, nada mais. São corpos matáveis, como ao fim de uma partida de futebol, como durante um assalto, como na fila de um hospital, como por bala perdida

ou certa da polícia e dos traficantes,
como por acidentes, pelas drogas, pela fome...
São corpos gloriosos, como durante
uma partida de futebol, como durante
uma semana de carnaval, como em um show
de rock, em uma mesa de bar com amigos,
em um mergulho diurno ou noturno no mar,
como quando fazem amor ou quando,
mesmo sem o fazerem, se amam
ao longo da vida ou por apenas
alguns instantes. São corpos dúbios,
quando dançam o funk sob a mira
dos AR-15, quando fogem dos tiros
saltando atleticamente por telhados,
caixas d'água, correndo por becos,
quando se explodem na terra ou no ar
contra o concreto de um edifício
ou quando se jogam das alturas
do mesmo edifício. São corpos funcionais,
como nas caixas lotadas dos supermercados,
dentro das britadeiras fritados sobre o asfalto
do sol, dentro da cozinha da minha casa,
ao meu ouvido, na central de telemarketing.
São corpos... São corpos que, em algum momento,
esquecidos, anônimos, sobem e descem uma rua,
nada mais. Subindo ou descendo uma rua,
atestamos então este hiato de desconhecimento
entre o corpo abandonado e as diversas vidas
que o tentam colonizar, entre a vida nua
e as vestimentas vivas que a recobrem,
entre a vida crua e o que dela pode ser cozido,

entre a vida aberta e a vida vivida. Atestamos a fenda deste hiato, uns emigrantes da distância neste hiato de que não podemos nos afastar, uns estrangeiros, uns viajantes, uns forasteiros, uns gringos, uns bárbaros neste espaço que se serve das palavras para falar em uma língua estrangeira, uns índios neste espaço, nesta picada, nesta clareira, uns berberes e o vão do deserto esgarçando os berberes, uns esquimós e o vazio da neve ampliando os esquimós, uns pescadores dispersos pela luz, tragados por este espaço diluído entre a areia e os sóis dos Lençóis, o espaço em que o explosivo queima entre a genitália e a cueca do nigeriano no avião. Atestamos este espaço das palavras que se servem das palavras para falar. Apátridas, não temos por pátria a língua portuguesa nem outra nos seria natural. Nascemos sem língua, abertos a qualquer jargão que em nós quisesse se desdobrar, nascemos sem povo, abertos a qualquer bando que em nós quisesse se desdobrar, nascemos sem lei, uns bandidos, uns canhotos, uns vândalos, uns lobisomens, uns burros, uns jumentos, umas vacas, umas piranhas, uns veados, umas éguas, umas antas, uns porcos, umas mulas, umas bestas, umas baleias, umas cachorras, uns tubarões, uns animais, uns ratos, uns bichos, umas bichas, umas feras, uns selvagens, uns fora-da-lei

abandonados a qualquer lei
que nos pudesse governar, abandonados
a qualquer lei que tivéssemos de desregrar.
Sobreviventes, descendemos de uma classe
de épocas perigosas praticamente esquecidas,
exilada da cidade dentro da cidade,
e, mesmo que ser, estar, saudade, cidade,
floresta, rio, mar, sertão, natureza
e outras palavras nos digam intimamente respeito,
navegamos, apátridas, a abertura, o sem,
o não, o nem, o a- que não nos largam.
Por mais que não queiram, trazemos conosco
os espaços vazios a distorcerem as possibilidades
que cotidianamente se oferecem
do que nós somos, do que é a água
do rio, do mar, da cidade, do país,
do mundo, e, por mais que não queiram,
nossa saliva é o suor das palavras não ditas,
e, por mais que não queiram,
misturamos o separado, trazemos conosco
a cidade e a natureza ferina, a poesia
do dedo que falta na mão do presidente.

À ESPERA DOS BÁRBAROS

Os bárbaros de ontem, quando chegam,
falam a mesma língua que falamos,
e, quando não é este o caso, há pessoas
a traduzi-los para nós e a nos traduzirem
para eles, de modo que, ao menos,
o passível de consenso seja comunicado.
A pompa para recebê-los é a mesma,
os cerimoniais, se outros, pouco diferem
dos de antes, mas, agora, com os jornais
notificando tudo, nem é preciso o povo
esperá-los no aeroporto, na praça principal
ou mesmo no palácio do governo.
É hábito apenas que cada um folheie,
o mais rapidamente, a informação
já esquecida pela notícia subsequente:
se, antes, era preciso a espera dos bárbaros
para se saber que não havia mais bárbaros,
hoje aprendemos a viver sem eles.

A não ser que algum remanescente
deles ecloda desfigurado, sem rosto,
do meio da multidão do próprio país,
lançando aviões contra arranha-céus,
metralhando balas contra escolas
ou bombas contra uma praça qualquer.

LUIZ CARLOS MARQUES DA SILVA

e, apontando com o dedo, ele me falava de um lugar chamado o fundo do poço. um lugar sem lugar, porque, aonde quer que fosse, o fundo do poço o esperava à sua frente, e ainda o perseguia. no fundo do poço havia faca, bala, porrada, e o mais que havia, como fome, doença, trapos, era feito nos moldes da falta. quando se livrava aqui de uma delas, era para encontrá-la de novo ali, sem demora, à espera, mas tão às claras que nem emboscada havia. e ele me falava que, no fundo do poço, só havia amizade ao preço de uma guimba de cigarro, de um trago de cachaça, de uma ponta de pão mesmo que dormida, fora disso, sem um preço a ser pago, nada de amizade havia, já que a própria amizade só havia na duração do preço que a pagava, não mais do que isso. era do fundo do poço que ele me falava. e ele me falava que, no fundo do poço, era preciso manter a dignidade, manter a mente em seu devido lugar, saber apanhar sem querer revidar, saber dormir onde quer que fosse (chegando a tanto fazer se seria lá ou aqui que iria sonhar), aprender a se camuflar de fumaça, asfalto, lixo. e, com seu bafo de nicotina e tabaco, acrescentando que cada um tem sua cruz, ele, a dele, eu, a minha,

ele me falava que, no fundo do poço, pouco importava a já mínima vontade, mas o único e exclusivo gesto, o de amar – ao ponto de não se sentir incomodado em ter seu fundo do poço contrabandeado para esse evento na cobertura em que estávamos, onde iria dormir no chão, ao lado do artista que o trouxe, de frente para o mar, na qual, trazendo-nos o fundo do poço, do qual jamais saía, ele me falava.

O AMOR

era o amor que eu acreditava habitar em mim, mas, como qualquer um que habita um apartamento, ele entrava e saía de mim, como um homem entra e sai de seu apartamento. o amor não pertence a um corpo, como um homem não pertence a um apartamento. por isso, o amor pode sair de um corpo que está, por exemplo, no banheiro fazendo a barba, mergulhar na pia, escorrer pela água, agarrar-se musculosamente no ralo, escalar a louça contra a enxurrada que cai, pular como um atleta ou feito um felino para o chão, sair deslizando por debaixo da porta do apartamento, descer pela escada ou pelo elevador, esgueirar-se pelas grades do prédio e ganhar as ruas, atravessar o trânsito, continuar passeando pela lagoa, pelas praias, exatamente como faz aquele que o acreditava ter em seu corpo. o amor sabe encontrar a brecha por onde fugir de um corpo, materializar-se a si mesmo fora de qualquer corpo, corporificar-se independentemente de qualquer pessoa. ganhando sua autonomia, ganhando seu próprio corpo, ainda que não muito visível para os muitos que passam apressados, só, então, o amor começa por fazer não mais o que, subjugado, queriam que ele fizesse quando no corpo

de um alguém qualquer, mas só então, enquanto um alguém, ele se sente apto enfim para fazer o que ele mesmo quer, o que ele mesmo pode, esbarrando por aí esporadicamente em pessoas que, quase sem o ver, que quase sem o perceber, subitamente o sentem feito um sopro no meio da rua, sem nem mesmo saberem o que estão sentindo, sem nem mesmo saberem o porquê de estarem sentindo o que no momento, enquanto brisa, esbarra em suas peles, querendo saltar por dentro de seus poros, até, enquanto bala, até, enquanto saraivada de balas, de novo invadi-las.

EM OUTRAS PALAVRAS

havia se passado oito ou dez anos desde a data em que diziam ele ter nascido, ainda que isso não fizesse, então, qualquer sentido para ele, nem agora, quase quarenta anos depois. ele havia sentido diversas vezes o que só conseguia expressar pela palavra esquisito (e com nenhuma outra), mas, quando se lembra disso, lembra-se de ter dito a palavra à sua mãe na garagem do prédio em que moravam, entre carros, azulejos, um vão central, alumínio e lâmpadas fluorescentes. não era uma palavra mágica, sua mãe não entendia o que ele se esforçava em dizer. era uma palavra insuficiente, equivocada, que não funcionava, que ele sabia não dar minimamente conta do que estava sentindo, da mesma maneira que nenhuma outra serviria a tal fim, inclusive as que vieram mais tarde, e ainda vêm, carregadas de peso, como ausência, nada, vazio, angústia, morte... em algum lugar, ele intuía a verdade, e ainda hoje a confirma: nenhuma palavra pode expressar isso que, uma vez sentido, não deixou de retornar, imprevisível e incansavelmente, encontrando-o até não mais o largar, até se tornar seu cotidiano, até se tornar um mais cotidiano que o habitualmente chamado cotidiano, isso para o que nunca houve

um antes nem um depois, sendo por fora do que se costuma chamar de tempo, isso para o que ele não tem nem nunca teve nem jamais terá nenhum acesso, nenhuma língua, nenhuma tradução, nenhuma gramática. diante da impossibilidade que lhe comparecia, acatou que a única saída para ser fiel à partilha do acontecimento era traí-lo, traí-lo amorosamente. a solução encontrada foi falar por sobre isso, em torno disso, com isso sendo uma espécie de buraco negro para todo o dito, que sofria sua atração irresistível. quem sabe um dia, ao menos, um quanto qualquer dessa força deixaria um vestígio, pequeno que fosse, no dito. ele permaneceu bem ali, no meio, entre uma experiência para a qual não havia palavras e palavras desprovidas de toda e qualquer experiência, entre não dizer nada e falar o que pudesse, como a memória paradoxal desse esquecimento das palavras que, sabendo de cor, lhe concernia mais que todo o resto. talvez, o melhor que ele conseguisse fazer fosse um murmúrio indecifrável de todas as frases soando juntas, homogeneamente monótonas, ao fundo de cada palavra que não quisesse se sobrepor às suas vizinhas. talvez seja isso que ele tenha passado a vida buscando, explico, não exatamente a palavra que dissesse enfim o impossível de ser dito, mas uma tranquilidade qualquer com o inacessível, um poder estar à vontade com a ignorância do que, nele, sem deixar de ser o mais estranho, sempre foi e é o mais íntimo.

RASCUNHO EM QUARTO DE HOTEL

as marcas de uma vida que se exila em palavras, que, desde o tempo presente, para ofertá-lo ao outro, o abandona, transformando-a – uma vida – numa sintaxe, num murmúrio, num resquício de paisagens mais ou menos esperadas de afetos e pensamentos cruzados, são nervos expostos, são corações expostos, uns pedaços do cotidiano expostos, de tal maneira que haja ali (ou talvez por isso tudo seja mesmo melhor dizer logo aqui) a pulsão de uma vida diária, de uma alegria diária, de uma melancolia diária, a mensagem de um amigo denominado ou anônimo, tanto faz, dá no mesmo, a minha mensagem, a de um eu, denominado ou anônimo, tanto faz, dá no mesmo, para um amigo que me escreveu, uma trepada de um amor denominado ou anônimo, tanto faz, dá no mesmo, umas palavras eróticas ou políticas ou quaisquer que sejam que se mostram fora de sua proveniência, a radicalidade de um esporte que não se sabe a que nível foi de fato feito, se é que foi feito, tudo, enfim, está ali, ou talvez por isso mesmo seja logo melhor dizer que tudo enfim está aqui, ou talvez que o ali e o aqui não precisam se encontrar, que é melhor que não se encontrem, que é melhor que se mantenham

irreconciliados, que mantenham sua fresta, seu fosso, sua distância, para que nenhum dos dois queira se tornar uma condição preponderante sobre a outra, para que seus resíduos sobrevivam disparatados, para que inclusive você que me acompanha, para que você que está aqui comigo agora, possa estar também, a um só tempo, como eu posso dizer que estou, aqui e ali, ou em um intervalo qualquer entre o aqui e o ali, mesmo que eu nem saiba muito bem onde seja este aqui e esse ali,

IAQUE

Há dias em que eu gostaria de saltar para uma língua estrangeira, como quem mergulha na Baía de Halong. Vietnamita, dinamarquês, turco, tupi, tibetano ou mesmo japonês. Há dias em que eu gostaria de nadar em uma língua estrangeira como uma orca nas águas geladas da Antártica. Há dias em que eu gostaria de falar de mim em uma língua estrangeira, em que, de tão estranha, eu não pudesse antecipar afetos, cores, pensamentos, estradas, amores que ela fosse provocando em mim ao falar – até mesmo – de mim. Há dias em que eu gostaria que falar de mim fosse falar de paisagens estrangeiras em uma língua jamais ouvida que eu tivesse de falar subitamente pela primeira vez. Há dias em que eu gostaria de falar de mim com a sensação de um iaque ao atravessar um despenhadeiro do Himalaia. Há dias em que eu gostaria de não me reconhecer em nada na língua em que falo.

PERFIL PARCIAL DE UM PROCEDIMENTO, ESCRITO POR CAIO MEIRA

Como ocorre com frequência nos finais de semana, e mesmo entre as terças e quintas, Alberto Pucheu saiu da cidade. Como disse um amigo, ele é a única pessoa que conhecemos que tem dois fins de semana na mesma semana. Dessa vez, ele está de férias e não deveria estar escrevendo, mas, há alguns anos, é então que ele mais escreve poemas. No momento, ele não está, entretanto, escrevendo nada. Nem ensaios. Nem poemas. Ele está de férias. Não há motivo para trabalhar durante as férias. A tarde começa a escurecer. Um cachorro late. A primeira estrela aparece diante da varanda. Eu não estou com ele, mas sei que essas coisas estão acontecendo. Quando vier a noite, ele tomará um vinho. Não faz muito tempo, saiu da piscina. Tomou banho. Fez a barba. Até pensou em escrever, mas mudou de ideia. Dispersou-se na troca de uma ou outra palavra com alguém que passava. Fez uma pequena caminhada sozinho até o rio próximo. Voltou. Buscou pela memória. Pouco adiantou. Não estando com sua carteira de trabalho, não se lembrava exatamente do ano em que deu aulas na Gama Filho. Lembra-se apenas que as duas vezes em que trabalhou nessa universidade acabaram por constituir alguns dos

piores momentos de sua vida. Que eu saiba – e como seu amigo eu sei muita coisa sobre Alberto Pucheu –, houve apenas uma coisa que durante tais períodos foi importante. O trem. O trem foi um marco em sua vida por causa de um pequeno incidente. Na primeira vez em que lecionou (deve ter sido por volta de 1992), ele não tinha carro e seu horário de trabalho era pela manhã e pela noite. Não sobrava dinheiro nem mesmo para ele almoçar, senão o sanduíche preparado em casa por sua mulher da época. Nos primeiros meses, ele tentou ficar o dia inteiro na faculdade, nadando e estudando na biblioteca durante o intervalo devastador, mas logo viu ser isso insuportável para ele. Ele detestava estudar em bibliotecas. Nunca conseguiu ler em mesas. Acabou por preferir as longas horas em ônibus e trem, duas vezes ao dia. Essa opção não era melhor do que a outra. Na Central, escutava o chamado pelas caixas de som, dizendo a hora exata da partida e a plataforma na qual o veículo se encontrava. Em uma das idas diárias, pegava o trem no horário de maior pico, repleto de pessoas. Conseguir um lugar para sentar era privilégio casual. Quase nunca acontecia. Na maior parte das vezes, ele ia mesmo em pé. Daquela vez foi diferente. Havia um espaço vazio, no qual ele se sentou e pôde abrir o jornal. Por entre os sacolejos e barulhos, as vozes repetidas dos vendedores ambulantes se faziam presentes, de tal maneira que se destacavam com força dos altos ruídos da máquina. Sua cabeça continuava inclinada, na leitura do jornal. Não, não é bem isso, não foi bem assim que as coisas se sucederam, ele não estava lendo o jornal e jamais o lia nos trens. Ele estava simplesmente sentado no pequeno espaço vago encontrado para se espremer. A verdade é que ele lia o jornal que o homem ao lado dele trazia aberto e estava lendo. Ele lia o que dava no tempo de leitura de seu vizinho. Isso o ajudava a passar o tempo. O tempo que ele perdia no trem para ir trabalhar. Ele lia o jornal e as palavras que lia não faziam sentido para ele, mas assim mesmo ele lia as palavras no jornal. Ali

no trem, indo para o trabalho, isso o parecia distrair. Não mais do que isso. Eram palavras que se soltavam da página e entravam em sua cabeça e saíam de sua cabeça sem o menor sentido. As frases altas e infundáveis dos ambulantes se misturavam com as do jornal, de tal maneira que eram frases também sem sentido para ele, eram frases das quais só recebia as palavras que eram ditas, nada mais, só as palavras, não o que com as palavras era vendido. Só recebia o peso das palavras. O peso ou a leveza, não faz diferença. No caso, os adjetivos são metafóricos, então, tanto faz um ou outro. Ou seria melhor não ter nenhuma metáfora. É preciso acabar com as metáforas e até com as imagens. Subitamente, só havia as palavras dos vendedores e do jornal à sua volta. Todo o trem parecia se resumir a essas palavras. Foi quando tirou uma caneta e um papel da pasta que carregava com os livros e começou a reproduzir fielmente tais frases, as que lia no jornal e as que escutava no trem. Umas misturadas às outras no tempo real de leitura e escuta. Foi assim que começou o que depois Alberto Pucheu passou a chamar de arranjos, e eu disse um dia a ele em um bar que com esses arranjos ele inventara algo como um ele lírico. Talvez fosse melhor dizer que ele inventara algo como uns eles líricos. Mas naquele momento não havia esse nome, não havia esse conceito. Havia apenas as palavras lidas e as palavras ouvidas e as palavras reproduzidas na escrita. Ainda no trem, no meio de todo o burburinho, as palavras do jornal perderam o seu interesse. Não olhava mais para o que seu vizinho lia. Apenas ouvia o que os ambulantes berravam. Ouvia e anotava. Era o som do trem. Era o som de um tipo de poesia que ele estava ouvindo ali. A cidade agora passava a se dizer pela voz de seus próprios cidadãos. Quem quiser ler isso, é só ver o último poema de seu primeiro livro, na cidade aberta, de 1993. Depois, vocês já sabem o que aconteceu. Ele voltou aos arranjos, sem saber ainda desse nome que daria, quando o programa do Ratinho chegou à televisão. Ele ficou ali um

dia, assistindo o programa, anotando frases dispersas ditas pelo apresentador e pelas pessoas que participavam daquilo, publicando esse arranjo com o título de “Poema para maior audiência do país”, apesar de ninguém ter lido o poema, a não ser seus quatro ou cinco amigos mais íntimos. A confusão mesma começou quando, depois de o fim de “A vida é assim”, em que fez arranjos com e-mails que os amigos enviavam para ele, com conversas de *chats* da Internet e com pedaços de conversas ouvidas de transeuntes, depois mesmo daquele livro louco que ele fez só com arranjos e que, quando pronto, antes de publicá-lo, enviou por e-mail a muitos amigos e com as respostas dos amigos fez o arranjo do posfácio de *Já que não há cabeça nem lugar para o que passa (tudo na vida é passatempo)*, ao qual chamou de “A crítica dos arranjos como arranjo da crítica”, teve a ideia de usar os e-mails dos amigos mais íntimos – justamente os nossos –, falando sobre nossas experiências eróticas pela noite do Rio, para fazer um arranjo que chamou maravilhosamente de “O livro de hoje do amor”. Separações foram causadas, nós mesmos, os amigos mais íntimos, brigamos entre nós, e, como resultado, o arranjo foi proibido de ser publicado. Fico pensando o que, passado tanto tempo, as pessoas diriam hoje dele e dos outros que vieram antes e depois, como o que fez com as repostas que obtive quando escreveu para seu catálogo de endereço eletrônico pedindo que as pessoas enviassem as 15 primeiras frases que passassem por suas cabeças, num momento em que críticos como Marjorie Perloff e Keneth Goldsmith, mesmo eles atrasados em relação a Alberto Pucheu, começam a falar desses procedimentos não criativos, de gênio não original e outros termos interessantes.

TRANSCRIÇÃO *IPSIS LITTERIS* DE UMA FALA EM UMA BANCA

Se eu quisesse ser consequente com todo o trajeto da orientação, eu silenciaria agora. Talvez eu precisasse envelhecer mais para conseguir, neste momento, me silenciar por completo. Eu poderia silenciar, mas eu não quero. Eu não quero silenciar porque, muitas vezes, o silêncio ecoa mais fundo quando dito em palavras. As palavras estão aqui, minha fala está aqui, para fazer o meu silêncio ser ouvido. Quero preservar o que a Aline disse, que você teve um orientador que orientou silenciando. Silenciando com palavras, tentando silenciar com palavras, eu acrescentaria. Há muitos orientadores nesta Banca, há muitos orientadores seus nesta mesa, há muitos orientadores em cada um dos orientadores aqui presente, há muitos orientadores em mim, há tantos orientadores em mim quanto o número de orientandos que me pedem orientação. Eu não sei orientar, eu só sei orientar orientando. Uma vez, uma orientanda então recente me procurou com uma folha de caderno, toda rabiscada à mão, dizendo que tinha ali o sumário inteiro de sua tese, mas que não estava conseguindo escrever sequer uma linha. Não tive dúvidas: tirei o papel de sua mão, rasguei o papel e lhe

disse que ela podia ir escrever. Poucos meses depois, ela voltou com mais de setenta páginas escritas. Cada orientando nos demanda de um modo singular, ao qual respondemos improvisadamente. Você sabe que você é um orientando singular, todos aqui sabem que você é um orientando singular. Todos, aqui, na Defesa, viram que você é um orientando singular. Você começou sua apresentação dizendo, afetuosamente, que, de modo geral, eu sou chamado de Pucheu, que você mesmo me chama de Pucheu, mas que hoje você queria se dirigir ao Alberto, que hoje você queria se dirigir a mim de forma mais íntima. Você estava certo: há pessoas que me chamam de Pucheu, há outras que me chamam de Alberto, há outras, como o Ricardo aqui ao lado, que, me conhecendo há mais tempo, me chamam de Beto, estou vendo o Fábio ali na última fileira, que me chama de Professor, o Domingos, aqui do lado, me chama muitas vezes de Amado, a minha namorada me chama de Betô, de Querido, de Amor e de outros nomes que não vêm ao caso. Eu acato todos esses nomes. Neste momento, eu lhe digo que eu falo com esses nomes todos, mas falo também com o que há entre um e outro desses nomes. São todos apelidos e eu respondo a todos. Eu respondo a todo e qualquer chamado. Eu respondi ao seu chamado, mesmo sabendo que, desta vez, no Doutorado, eu não teria o que fazer; eu respondi ao seu chamado simplesmente para você poder seguir em frente. Numa resposta ao Domingos, você, querendo ser irônico para sua plateia e para a câmera que filmava tudo, você, fazendo seu show para seus tantos convidados, você, com sua indumentária novinha em folha a se adequar cafonamente com seu tema, você, com o que você costuma chamar de sua performance – a performance de seu ego monumental –, aproveitou para começar a falar de mim, para me colocar no lugar do avaliado, para me julgar, para me atacar, para você ser a Banca, para, realizando seu desejo, ocupar enfim o que você imagina como sendo o meu

lugar, tentando me colocar no seu. Nessa primeira vez, você falou que eu nunca entendi o seu trabalho, que eu ficava querendo que seu texto comunicasse enquanto ele era de outra ordem, que eu não alcançava a sua genialidade e, sobretudo, que toda a minha aparente abertura era fechamento, que, de dentro do meu fechamento, eu não tinha ouvidos para você, que eu não estava à sua altura. Eu disse que obviamente não iria responder, que iria continuar no meu silêncio. Incomodado por ele, na resposta ao Izael, cuja pergunta, mais uma vez, não tinha nada a ver comigo, você tratou de ironizar de novo, dizendo que você estava tentando me provocar, mas que eu não tinha aceitado a provocação. Fazia parte do seu show continuar a provocação, para que seus... Ia dizendo amigos... Para que sua plateia pudesse achar você cada vez mais ousado, cada vez mais brilhante, cada vez mais genial. E dessa vez você, do alto de sua avaliação, resolveu ser condescendente comigo: fez graça levando o público a rir ao lembrar o clichê que eu mesmo criei de que em meu nome, no nome que você tinha usado sob o pretexto da intimidade, no meu primeiro nome, tem aberto, você brincou com pertinência dizendo que eu era orientador, mas também (se utilizando de novo de outro clichê que eu mesmo sempre usei) um desorientador, você disse que foi me procurar porque eu era poeta e teórico ao mesmo tempo, você lembrou que eu nunca entendi porque você quis ser orientado por mim e não pelo Izael ou pelo Ricardo, seus verdadeiros mestres, como você mesmo os chamou, um, seu Pai de Santo da academia, o outro, o maior gênio que você já teria conhecido. A mim, me coube um lugar de que gostei: o de irmão de santo. Não sei se lhe disse isso em outra ocasião – eu também já passei pelo terreiro, já passei pelo zen, já passei pelo Daime, já passei por muita coisa, até descobrir que meu caminho era mesmo a poesia, a escrita e o que viesse dela. Talvez tenha sido impulsionado pelo

terreiro, e por outras forças, que um dia, há muito tempo, escrevi um poema, o único que sei de cor, apesar de ele não poder ser colocado nem de perto entre os de que mais gosto entre os meus poemas; mas agora, aqui, com você, por motivos óbvios, é dele que me lembro, ele tem a peculiaridade de ser o único que sei de cor: “Com a licença de todos os santos/ e a de meu pai Oxalá/ pego na encruzilhada um prato de comida/ A fome é grande/ e é pela minha boca que comem os deuses”. Me lembro ainda que, na própria Tese, você se utilizou de uma conversa nossa, reproduzindo uma fala minha na caricatura de um Cientista, obviamente, a ser evitado. Eu gostaria de lhe dizer agora, eu incorporo para você todos esses nomes, os que você me atribuiu e outros: eu sou o Pucheu, eu sou o Alberto, eu sou o Professor, eu sou o Orientador, eu sou o Desorientador, eu sou O Que Nunca Entendeu O Seu Trabalho, eu sou O Que Queria Que Seu Texto Comunicasse, eu sou O Poeta E Teórico Ao Mesmo Tempo, eu sou O Cientista, eu sou O Que Não Alcanço A Sua Genialidade, eu sou O Fechado, eu sou O Irmão de Santo, eu sou O Que Não Tem Ouvidos Para Você, eu sou O Que Não Está À Sua Altura, eu sou O Aberto... Eu aceito todos esses nomes que você usou, querendo colar uns talvez mais do que outros em mim, mas, com maior ou menor sarcasmo, me colando, paradoxalmente, todos. Para você, eu sou mesmo um paradoxo, eu entendo isso. De dentro da abertura que me cabe, de dentro da abertura e do fechamento que me cabem, eu lhe digo que, neste momento, estou pronto para incorporar também outros nomes que você não mencionou, que você não mencionou porque você não teve a coragem de ir até o fim. Para pessoas como nós – eu incluo você nessa –, para pessoas como nós, poesia e vida são uma coisa só. Eu tenho de lhe dizer que aquela vez em que você, beirando o desespero, beirando a loucura, me telefonou, eu tenho de lhe dizer que, diante de sua súplica, por causa da sua súplica,

aquela vez foi uma das poucas vezes em minha vida que exerci conscientemente a função paterna. Incorporei naquele momento o que sua súplica demandava. Não se recusa uma súplica, sei disso. Também por isso, vou pegar então mais um nome, mais um apelido, vou pedir licença ao Izael para pegar um pouco do “Pai (de Santo)” que você lhe atribuiu, vou pegar só um pouco, a parte que me cabe, a parte de que você me incumbiu, a parte que eu exerci. A parte que, por sua demanda, eu exerci muito pontualmente, apenas para explicitamente devolvê-lo à sua Mãe de Santo. Que ela cuidasse, ao seu jeito, ao jeito de vocês, do que eu, em dúvidas, vislumbrava como um surto psicótico. Aproveitando uma palavra que você usou muitas vezes hoje aqui para mostrar à sua plateia como você se sente à vontade falando palavões na academia, eu gostaria de pegar a palavra puta. E peço licença à sua mãe, sentada aqui na frente, para, neste momento, dizer a você o que sou neste exato momento de Defesa da sua Tese: Eu sou a puta que o pariu. Vou tentar ser mais preciso: Eu sou o puto que o pariu. E, sendo o puto que o pariu, eu lhe digo que eu sou o filho da puta. Aqui, agora, neste exato momento, apenas neste exato momento, pedindo desta vez licença e mesmo desculpas à sua mãe, eu incorporo o filho da puta do puto que o pariu que você precisa mandar para a puta que o pariu. Se isso, para você, é necessário, se essa é para você uma saída, de dentro de minha abertura, de dentro de minha abertura e de meu fechamento, de dentro do limite que no momento consigo alcançar, eu estou pronto, eu repito: Eu sou o filho da puta do puto que o pariu que você ainda precisa mandar para a puta que o pariu. Cometa o parricídio de que você precisa para ir embora. Cometa de maneira mais grave, mais responsável, mais solitariamente (você mal começou), cometa, sobretudo, até o fim. Mas não cometa apenas o crime da parte que me cabe. Mate – com licença, Izael, eu vou usar a palavra no mesmo sentido em que a

usei para mim –, mate o filho da puta do Izael, mate – com licença, Ricardo, eu vou usar a palavra no mesmo sentido em que a usei para mim –, mate o filho da puta do Ricardo, mate todo e qualquer filho da puta que se colocar nesse lugar ou que você, como está fazendo de novo comigo, o colocar nesse lugar. Só então... Só, então... Só então... Vou ter de citar o livro para você mais importante... Só, então, quando não houver mais aquele lugar, você vai entender que não existe o Diabo, nem câmeras fotográficas, nem câmera de filmagem, nem plateia, nem performance, nem teatro, nem palmas, nem essa indumentária fora de contexto, nem Pai de Santo. Só, então, você vai entender que tudo que existe, agora, aqui, é vida, que tudo que existe é travessia. Só, então, você vai entender que tudo que existe é irmão. Quando entender isso, você poderá voltar, mas apenas quando entender isso. Eu te dou o passe, você pode ir.

K.

Pelo menos a princípio, é certo que era ele – e não seu colega de escritório – quem, não importava aonde fosse, estava sempre em uma prisão. Todo o tempo, ele trazia as grades dentro de si, dizendo ser a nossa época a em que os animais são mais próximos de nós do que os seres humanos. Então, não era apenas ele que, não importava aonde fosse, carregava sempre uma prisão, mas todos os homens – ao menos todos de nosso tempo – viviam atrás das grades que traziam dentro de si e ansiavam pelo animal como quem espera pela liberdade de uma vida natural, sem saber que, para nós, a única vida possível é mesmo a humana, justamente essa que nos pesa mais, confinada em um escritório, possuída por regulações, prescrições, protocolos e diretivas. O escritório era uma maneira erguida pelo homem para ele parecer superior a si mesmo, ainda que, com o escritório fora e dentro de si, cada um tenha se tornado mais solitário e infeliz, mais cansado e vazio; descobriram ao fim que se tratava de uma construção criada pelos homens para, respaldados por uma instituição minimamente confiável aos que quisessem ser simultaneamente acusadores e acusados, se autocaluniarem, para

provarem a si mesmos sua fraqueza, para mostrarem a si mesmos como se tornar o que há de menor na vastidão animal. Como contraponto, não bastava para ele ser poeta, esse ser que, sem defesas para o mundo, sentindo o peso da existência terrena mais intensamente do que os outros e provando sua corrupção, sabe que, em busca de uma saída, seu poema não passa de um grito. Enquanto não fosse afetado pela doença, ao menos ao fim do expediente, nas poucas horas que lhe restassem, jogaria tênis, nadaria, faria jardinagem ou aulas de carpintaria, sonhando ser um dia artesão ou camponês na Palestina. De que vale, entretanto, um sonho para um insone contumaz? De que vale, entretanto, um sonho para quem está sempre queimando de frio? De que vale, entretanto, um sonho para quem, nascido velho, tem a certeza de que ele é fruto de uma juventude que nunca existiu? De que vale, entretanto, um sonho para quem a única fuga possível é em direção à realidade? Sonhos só os terríveis: mantendo-nos acordados pelo perigo, não importa aonde vamos, não nos deixam sair de casa, obrigando-nos a, desabrigados, suportá-la.

ARRANJO PARA TORNAR O MUNDO CADA DIA PIOR E MAIS VIOLENTO, II

Como é que eles estão passando para a imprensa? Eles ficam de frente pra polícia, esperando a reação. Eu tenho um vídeo aqui, ó! Isso aqui, o que eles fizeram com a gente, com os policiais militares. É mijo o que jogam em cima da gente, cospem na nossa cara. Nós somos também cidadãos. Nós somos. Estamos para dar segurança a todos vocês, inclusive para a imprensa. E nós não estamos tendo apoio. Nós estamos com policiais feridos, mas esses “direitos humanos” não é pra polícia. Não é pra polícia. Essa farda aqui, nós somos policiais militares, e somos cidadãos, somos eleitores também. Somos. Se a PM não estiver ali, é anarquia. E todos têm que ter responsabilidade. Todos nós. Todos. Não brinca com o que está acontecendo não. Porque ninguém sabe o que está por detrás. Ninguém sabe. Então a responsabilidade da mídia é muito grande. Muito. E temos que ter muito cuidado. Depois não vai ter: chama a polícia. Perdemos o controle. Então vamos repensar também a mídia. O que está acontecendo é um jogo virtual. Virtual, e está todo mundo aí perdido, nós não estamos perdido, não. Como é que a polícia vai poder controlar uma turba sem munição letal? As

organizações têm que nos dizer o que que nós vamos usar, eu não posso botar a minha cara. Não posso. Têm que dizer. As pessoas têm que ir à frente da televisão e falar. Eu, na minha profissão de 33 anos, eu coloco as cartas na mesa. Eu boto. É isso aqui que nós temos que fazer. Eu comando 45 mil homens e mulheres. PM boa ou ruim, é a que vocês precisam. Que está na rua 24 horas. Não tem outra. Não tem outra instituição. Não tem. É essa aí que vocês têm. Que a nossa sociedade tem, para dar segurança, de qualquer jeito. Então, vamos repensar. O que aconteceu ontem... A dificuldade para voltarmos a atuar, voltarmos a atuar. De uma coisa nós temos certeza: o que foi pactuado com a Secretaria de Direitos Humanos, a OAB e a Anistia Internacional não deu certo. Então nós, hoje, já vamos sentar para reavaliar. O que foi pactuado nós temos certeza que não deu certo. O gás lacrimogênio, que todo mundo reclama, é o menos letal. Ele vai dar um desconforto, mas vamos dispersar, o gás é pra dispersar. Mas as pessoas falaram para não usar o gás. Então, nessa ação, fomos prejudicados. Nós vamos reavaliar. Esse pacto, que foi pactuado, não deu certo. Hoje, nós vamos ter que negociar virtualmente, mas não sei com quem. Quando você não tem o líder, você não tem diálogo com nenhuma pessoa. Nós também sabemos que a própria mídia está descaracterizada, está descaracterizada. Teve uma manifestação em que nós praticamente salvamos uma repórter da Record, salvamos a vida dela, ia ser linchada, nós tiramos ela do movimento. Hoje, você sabe quem é o policial militar, não sabe? Eu estou identificado, mas a própria mídia não está identificada. É novo. Então, esse novo, todos nós temos de aprender. Não é só a polícia. A nossa geração, a nossa geração, não pegou a ditadura, nós não pegamos a ditadura. Essa PM que está hoje está totalmente aprendendo, também, junto com a própria mídia. Como nós vamos negociar virtualmente e com quem? Eu vou lhe perguntar: como a senhora vai negociar, conversar virtualmente? Se eu falei que nós não sabemos o que está

por detrás... Nós estamos trabalhando, junto com a polícia civil, nós temos que identificar. Até os jornalistas, os jornalistas é uma polícia, os jornalistas fazem um trabalho de investigação, policial, não fazem? Ajudam. Às vezes, sabem mais, sabem primeiro que a própria polícia. E têm de nos ajudar também. Nós tivemos a Copa das Confederações e todos que foram ao Maracanã não perceberam o que estava ocorrendo nas ruas. Só sabiam o que estava ocorrendo quando chegavam em casa e ligavam a televisão. E eu tenho certeza que vamos ter um evento com paz e em total segurança. Vocês podem ter certeza. A gente tá trabalhando pra isso.

P.S.: Este arranjo é a transcrição literal da fala do Coronel Erir Ribeiro Costa Filho na reunião da cúpula da Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, convocada pelo Governador Sérgio Cabral, no dia 18 de julho de 2013, no Palácio da Guanabara, sobre as manifestações populares. Ele foi postado no Facebook na respectiva data, depois de ter assistido ao pronunciamento.

P.S.2: No dia 6 de agosto do mesmo ano, o Coronel Erir Ribeiro Costa Filho foi exonerado de seu cargo de comandante-geral da Polícia Militar.

O TESTEMUNHO DA MENINA DA BONECA DE KAFKA

Quando agora sou, então, uma anciã, morando na floresta em que resolvi passar meus últimos anos, depois de ter silenciado sobre o mais importante, ao menos, sobre o mais importante em minha vida, depois de ter, de alguma maneira, fugido do mais importante, ao menos, do mais importante de minha vida, posso, finalmente, atando os extremos, falar: a menina da boneca de Kafka envelheceu, mas tem saúde para dar seu testemunho, para fazer, ainda, seu testamento. Lembro-me pouco, quase nada, do episódio com o casal do parque de Steglitz. A princípio, fora a moça – mais tarde me dei conta de quão jovem ela era em relação ao seu companheiro – quem, por seu rosto enigmático, me chamou mais atenção; mas foi ele quem, atencioso, logo me dirigiu a palavra, querendo saber porque eu, desesperada, chorava tanto. Se ela chamara primeiramente minha atenção, assim que ele pronunciou as palavras para me acalmar, de tão terno era seu modo de falar e olhar, o mundo parecia ter seu desespero diminuído por conta da boneca que eu, com não mais do que cinco anos, havia perdido. A partir daí, me recordo tão somente dele, ou melhor, nem sei se dele, mas de sua voz dizendo que eu não

perdera a boneca, mas que ela, por vontade própria, apesar de me amar muito, havia feito uma viagem, endereçando-lhe uma carta para que ele a entregasse a mim tão logo conseguisse me encontrar. Com a doçura de quem guarda uma verdade secreta, ele insistia que ela viajara por querer sair de casa, ir para lugares que, sem mim, ela quisesse ir, conhecer outras pessoas, ser amiga de outras bonecas, frequentar uma escola, ter namorados, casar, trabalhar e levar uma vida diferente da que até então havia sido a sua, como, certamente, me disse ele, aconteceria também comigo no futuro. Claro que ele não estava com a carta em mãos, mas, depois de ter me dito que me entregaria no dia seguinte a carta da boneca que eu achava que perdera, aquele homem bem vestido e de aparência um tanto frágil, disfarçando uma respiração ofegante e uma voz enrouquecida, foi embora, deixando-me esperançosa e pensativa no parque, até que eu pudesse retornar mais confortada para casa. No dia seguinte, ele estava lá, com a carta, e no seguinte do seguinte, com outra carta, e no seguinte do seguinte do seguinte, com mais uma. Por três semanas, sempre na hora marcada, sem jamais ter tido um pequeno atraso que fosse, ele esteve diariamente comigo no parque de Steglitz, lendo, a cada dia, para mim, sem conseguir disfarçar uma comoção em sua voz, uma nova carta que, sem eu saber, ele próprio escrevera na noite anterior em nome da boneca, inventando para ela, ou melhor, inventando para mim, uma história que me animasse, uma história que me acalmasse, uma história que me preparasse para uma separação menos dolorida da boneca que eu amava. O que sempre mais me impressionou nas cartas era como, a cada uma delas, ele assegurava o amor da boneca – que se chamava Marion – por mim e, aos poucos, distanciava-a de mim sem que eu mesma percebesse o afastamento gradativo, como se, aos poucos, ele substituísse a boneca pelas cartas enviadas, sem substituir de modo algum o amor, que permanecia igual. Com elas, eu aprendi

a preservar o amor em mim mesmo nos vários momentos em que ele parecia se ausentar, mas, não, ele não se ausentava, ele estava ali, naquelas cartas que, durante décadas, guardei em um estojo de carvalho. Elas foram a maior lição de amor que eu recebi, e, primeiro em sua presença e, depois, em sua ausência, elas me acompanharam toda a vida, transformando-me, e ainda hoje as guardo aqui dentro de mim como o que de mais íntimo e de mais estranho – certamente, o de mais maravilhoso – jamais me aconteceu. Décadas depois do encontro, quando eu estava em minha meia idade, soube que um homem frequentava diariamente o parque e tocava a campainha dos apartamentos ao redor dele tentando encontrar a outrora menina que havia recebido as cartas daquele que se revelara o maior escritor do século XX. No dia em que li um anúncio no jornal pelo qual se procurava a tal menina com suas cartas, tomei a única decisão que me cabia: fugir, antes de ser encontrada, antes, talvez, que eu mesma me revelasse. No que de mais fundo me concernia, aquelas cartas não deveriam ganhar notoriedade: elas surgiram de um dos encontros mais inesperados entre anônimos, no parque de Steglitz. Torná-las públicas seria trair o gesto mais expressivo daquele homem, trair o que, naqueles dias, ele me ensinou: o amor que um desconhecido pode sentir por outro desconhecido qualquer, dedicando-se incansavelmente a ele, simplesmente para diminuir-lhe a dor.

ANOTAÇÕES DE TURISMO E LAZER

onde se encontra platão hoje – tínhamos aproveitado para passar uns dias de férias em um dos lugares mais bonitos do brasil, que, como qualquer um sabe, se insere nessas rotas dos mais mais de todo o mundo. do outro lado da fronteira, um turismo oposto ao da exuberância da natureza, com o prosaico das compras mais baratas de nosso tempo, acaba mesmo por ser convidativo não apenas para o trabalho dos sacoleiros. ciudad del este: no pouco que conhecemos, um excessivo camelódromo, repleto de homens, depois da ponte aduaneira, ao qual chegamos dentro de um ônibus de linha e do qual saímos na garupa dos motoboys. ao comprar um tênis nike para presente em uma das inúmeras barracas de rua, diante da completa semelhança entre o original e a cópia à nossa frente, a pergunta inevitável dirigida ao vendedor: – fala a verdade, meu amigo, é falsificado, não é? a resposta, digna de um filósofo paraguaio, foi imediata: – nada é verdadeiro no paraguai, minha senhora, no paraguai não há original, no paraguai tudo é falso, tudo.

pré-socrática (ou: na linhagem em que caymmi também se insere) – trezentos e sessenta e cinco praias, itacaré tem. com a peculiaridade de que, com 50 passos, vamos de uma ponta a outra cruzando toda a extensão de sua areia, havaizinho, uma das muitas paradisíacas. quando fui comprar cerveja com a baiana sentada por ali na sombra com seu isopor gelado, perguntei a ela qual era a praia mais bonita de itacaré, ao que, pausadamente, me respondeu: – eu ainda não parei pra pensar nisso não, ué, todas são lindas.

do gesto contemporâneo do negar e afirmar – ao fim de seu show, após longos aplausos, branford marsalis retorna ao palco. pensando alto, pergunta-se (e, em decorrência, à banda e ao público): – o que iremos tocar? da plateia, alguém sugere em alto e bom som: – *giant steps!* como quem não tem de provar mais nada a ninguém, branford marsalis, rindo, não titubeia: – *giant steps* não, eu já me formei na escola há muito tempo. e toca uma música inteiramente desconhecida do público. terminando-a, sem largar seu instrumento, com toda tranquilidade e como se nada antes tivesse acontecido, vira imediatamente para banda e avisa a próxima a ser tocada: – *giant steps*.

e por falar nele... – da boca de rashid ali, o baterista que tocou com ele nos últimos anos (consegue-se lá explicar o que, nesse caso, isso quer dizer), ouvi que coltrane estava sempre tocando. no camarim, é habitual um músico se aquecer antes de entrar em cena, mas, nessas horas, disse rashid ali, coltrane não se aquecia como um músico: aquecia-se como um boxeador antes de entrar no ringue. ele tocava, e suave, e tocava, e suave, e tocava e, quando entrava com a banda no palco – ou quando entrava nele apenas com rashid ali para os duos improvisados de bateria e sax gritantes –, suave do aquecimento realizado. o que mais impressionava rashid ali era que a intensidade do aquecimento no camarim ou na coxia ou mesmo,

como tantas vezes visto, do treino em sua própria casa, em nada se distinguia do que viria no palco. onde quer que estivesse, mesmo no banheiro público de uma rodoviária de interior, coltrane, continuou rashid ali, sempre procurando tirar o máximo da música, a pressionava incessantemente para fora de seu limite.

williamsburg bridge – sim, esses moços estavam noite a noite empurrando a música para mais longe, trabalhando para explodi-la, para levá-la a seu fora, onde ela é então mais música. não apenas pelo prato de comida e pelo pouco dinheiro tocavam muitas vezes em dois lugares distintos, varando a madrugada com seus instrumentos. podemos imaginar o que deve ter sido para billie holiday ser obrigada pela justiça a parar de se apresentar na cidade por causa do uso das drogas ou a monk, proibido de tocar em público por seis anos por não ter deposto contra o amigo bud powell, com quem estava quando este fora flagrado no carro pela polícia. mas não foi a polícia nem a justiça que fez sonny rollins parar de tocar para plateias por um bom tempo: ele simplesmente não estava encontrando o que, em algum lugar distante, ao menos enquanto um vago eco, ouvia, e tocar para os outros perdia então todo o sentido. melhor ir sozinho, como um anônimo acompanhado apenas pelo vento que saía de seu saxofone na calada da noite, para a ponte williamsburg, no lower east side de manhattan. ninguém sabe ao certo quanto durou seu confronto com o monstro, porque, nessas ocasiões, o tempo não é medido, mas, quando ele voltou da ponte para os bares enfumaçados, todos puderam escutar o que jamais haviam ouvido.

anotação de turismo e lazer – viajo melhor (quase) parado.

on the road – Inevitável pensar que há coisas na vida que, em algum momento, poderíamos ter feito e não fizemos. Se as tivesse-

mos feito, entretanto, seria outra vida, não a nossa, a que vivemos. Visto desde o presente em que estamos, o passado não teria de ser mudado em direção a um futuro (que o consertasse) a ser vivido ou, ao menos, desejável, mas tragado por um impossível de ser vivido, por um irrealizável, ao qual pertencemos a cada momento.

considerações sobre as biografias – não autorizo de modo algum que algum usurpador em mim escreva minha autobiografia. quem quiser que faça minha autobiografia sem autorização prévia. só não me diga depois que é minha. tudo de que alguém em mim pode se apropriar em mim não me interessa. só me interessa o que alguém em mim pode escrever para me livrar de mim. se for para defender minha privacidade, não abro jamais a boca, porque vivo traindo o que nem sei de mim em mim, e tudo que falo de mim me torna, na fala, público, passível de ser uma autobiografia já feita por algum usurpador de mim.

entre rocha e lama – um dia, quando subíamos as montanhas do vale do socavão, pouco antes de chegar ao cume, uma voz amiga me disse: se a gente morrer por aqui, não vão encontrar nem a alma.

na contramão – desculpem-me os tradutores (a quem sempre agradeço), mas é mais difícil traduzir um poema para a língua em que ele foi escrito do que para uma outra, estrangeira.

mplp – tanto agora como desde a primeira vez, o movimento de passe livre da poesia se confunde com o de seu impasse livre. [ou reescrevendo Aristóteles: tanto agora como desde a primeira vez, o movimento de passe livre entre poesia e filosofia se confunde com o de seu impasse livre].

namentais nele. Depois de, na recente viagem a Portugal, ter visto vários plátanos, me lembrei que um dos diálogos de Platão é passado sob a sombra de um grande plátano. Claro que, então, me dei conta de que a etimologia do nome de Platão é a mesma da do nome da árvore, como um dos modos de Platão, com seu humor habitual, se colocar e se esconder no diálogo. Pois bem, ontem, comprei um Plátano, para estender o Jardim das Musas. Platão agora se torna uma das Musas, aliás, como sempre foi.

POEMAS ESCRITOS NO MEIO DO VALE DO SOCAVÃO

I

É bem verdade que continuo
– ainda – fazendo livros,
mas, hoje, minha arte,
minha vida, é habitar um lugar,
tornando-me mais um pouco
pedra, árvore, montanha, floresta,
tornando-me verde e também azul,
sol e neblina espessa, ar, noite,
estrelas, os desenhos das constelações
e os espaços que os apagam,
o olhar de algum animal silvestre
que subitamente me olha
não me deixando saber o que vê,
tornando-me oco, cavo, vão,
por onde as águas correm.
E para, na medida do possível,
ser sincero, lhes digo
que mesmo a água, que corre,
não é mais do que um nome
– ainda – necessário
para nos manter aqui, juntos.

II - TRADUÇÃO LIVRE DE UM FRAGMENTO RECÉM- -DESCOBERTO NO VALE DO SOCAVÃO DO PROÊMIO DA COSMOGONIA DE LINO

Houve um tempo em que todas as coisas cresciam juntas.
Esse tempo gerou outro tempo e mais outro e outros
que geraram o tempo de agora. E o agora
ainda traz o tempo em que todas as coisas
cresciam juntas. E o agora ainda é este tempo
em que todas as coisas, bem antes de serem coisas,
crescem juntas, confusas, sem nomes, sem nada
senão o crescer latejante do ainda nem coisa,
do menos que coisa, do que nem coisa é,
do minimamente esboçável do que virá a ser
coisa, de seu logo que vindo, de seu depois
do nada e de seu antes de coisa, quase
a pura matéria em movimento perturbado,
mas que cresce, esperando somente o instante
oportuno de ganhar seus contornos, seus brilhos,
seus nomes, de ganhar tudo o que é coisa
e que, por ser coisa, mostra que, antes, já era coisa
invisível, latente, crescente, ideia talvez da coisa,
coisa em um tempo em que todas as coisas cresciam
juntas, e que, juntas, agora, ainda crescem,
e subitamente surgem, com feições de ar, plantas,
água, terra, animais, fogo, o curso do sol,
o movimento da lua [...]

P.S.: “Esses autores ignoram que os feitos por eles atribuídos aos bárbaros [os do começo da filosofia] pertencem aos helenos, com os quais não somente a filosofia mas a própria raça humana começou –

por exemplo, os atenienses reivindicam para a sua cidade a condição de pátria de Musaios, e os tebanos fazem o mesmo em relação a Linos. Dizia-se que Musaios, filho de Êumolpos, foi o primeiro a compor uma *Teogonia* e uma *Esfera*, e sustentou que todas as coisas procediam da unidade e revertiam a ela. [...] Dizia-se que Linos era filho de Hermes e da Musa Urania, e que teria composto um poema sobre a cosmogonia, o curso do sol e da lua e a gênese dos animais e das plantas; o início desse poema é o seguinte: ‘Houve um tempo em que todas as coisas cresciam juntas’. [...] Assim começou a filosofia com os helenos [...]”. Diógenes Laértios, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*.

III - FROM GAGARIN'S POINT OF VIEW (da ética contemporânea)

Dizem que a Terra é redonda, solta no espaço,
e que não há outra terra em que a Terra,
planando, suspensa, possa enfim se apoiar.
As fotos o comprovam. Suas patas ursídeas,
ou talvez felinas, ou ainda hipopotamídeas
galopando sem peso afundadas no espaço
em que boiam, ou quem sabe paquidérmicas,
como mais me parecem, não tocam nenhum solo,
mas isso as imagens só nos mostram em parte,
justamente a parte provada pela loucura
dos primeiros astronautas quando voltaram da lua
ou de onde quer que tenham ido. Dizem
que o sangue que corre em meu corpo
– em nosso corpo – é feito de estrelas
e o que nele não é vermelho nem de estrelas
vem do mar, como se fosse o mar, desde sempre
(e por isso pudemos existir), um rio
a desaguar em nós, como se fôssemos
uma foz, um delta, em que as águas salgadas
e doces se misturam indecididamente,
entre hemoglobinas e mar, entre hemácias e estrelas,
isso (que, de algum modo, foi pensado há muito
pelos poetas) também é provado pela ciência
e aprovado agora pelo poema. Talvez, com isso,
talvez por isso, tudo por aqui e por aí e por onde seja
é fluido – é bem verdade que nem sempre
conseguimos acompanhar o que não para
e desejamos, nessas horas, dar um forward

ou um rewind qualquer em nossas vidas,
no desejo insano de que o vento, que também chamei
de água, retorne ou avance indo contra o movimento
do que podemos chamar de seu próprio tempo,
isso talvez porque, apesar de tudo, muitas vezes,
não conseguimos, como a Terra que somos
e da qual dependemos, com asas de gavião,
flutuar sobre o vazio, tendo ainda de aprender
não a nossa ética, demasiadamente humana,
mas aquela anterior ao homem, pré-humana,
inumana e, agora, constituindo-nos, por não a sabermos,
pós-humana: a da Terra, a do mar, a das estrelas,
a desses e outros elementos que nos são estranhos
e compõem, desde antes de sermos, o que somos.

IV - SHORT TIME

O rio que passa ao longo da casa escondida
precisará de uma tempestade atrás de outra
para alargar minimamente o leito por onde corre,
não é certo que o leito por onde as águas correm
conseguirá se estender por alguns milímetros
impondo-se sobre a água, não é certo tampouco
que, de um dia para o seguinte,
seja possível detectar a medida exata
das alterações da velocidade das águas que correm,
o rio não irá recobrir, enquanto mar, esta montanha,
os animais desta montanha não pastarão com golfinhos
no oceano nem os peixes do fundo do mar
irão preferir o exílio na montanha em que me encontro,
esta montanha não crescerá mais, se for o caso,
que poucos centímetros ou quem sabe até perderá
um ínfimo de seu tamanho
afastando-se imperceptivelmente do céu, as estrelas
e as constelações continuarão emitindo suas luzes,
os espaços entre elas, a descansar nossas vistas,
permanecerão praticamente os mesmos,
nós as continuaremos chamando por nomes parecidos
e silenciando o que delas não sabemos nem saberemos
dizer, ao contrário do repetidamente espalhado,
ao contrário do imaginário de alguns artistas
em busca de uma solução, qualquer que seja, final,
o mundo não irá acabar nem começar de novo do zero,
nenhum planeta trombará na Terra, aniquilando-a,
nem seres alienígenas irão se apoderar dela (e de nós),
se é verdade que, como disse o cego de Quios,

a vida humana é uma folha ao vento, se é verdade
que tal frase seja mesmo indestrutível, se é verdade
que a juventude e a vida não duram mais que um dia,
não duram mais que um instante, é igualmente verdade
que muito pouco do mundo se transformará
enquanto nós vivermos.

V - ÉDIPO E O ENIGMA

V.1

Sim, Borges, é certo que sejamos
Édipo: um dia tudo se revela
à nossa frente e toda vida mostra-se
em um instante o que jamais pensamos
ser. O que éramos já não somos, somos
o que jamais imaginamos ser.
O íntimo se torna estranho, o estranho
se torna o em que nos transformamos, juntos
o que seremos e o que temos sido
nos aniquila e só nos resta o exílio.
Nunca houve nenhum enigma, Borges,
a decifrar, mas sempre o mesmo enigma,
o de sermos a esfinge que tentamos,
incautos, sem proveito, assassinar.

V.2

Quando chegamos ao redor do rei,
em torno do palácio, já estavam
os velhos apoiados nas bengalas,
os adultos em pé, ainda fortes,
e as crianças engatinhavam, frágeis.
Somos o corpo oculto do ido enigma,
seu lado inesperado que colide
com qualquer das escolhas que fazemos?
Neste momento de tamanha dor,
com o cheiro do incenso que atordoa
nossos sentidos – atordoada Tebas –,
nenhum de nós se adapta aos sons sofridos

que aqui se escuta: gritos, ladainhas,
murmúrios e o tambor no coração
batendo forte, tenso, com o ritmo
da peste, que, perversamente, mata.
Juntamo-nos em uma voz ao coro:
Édipo! Édipo! Assim clamamos
em súplica ao primeiro dos mortais,
ao melhor, ao mais sábio e poderoso,
a quem anteriormente nos salvara
sendo por toda a urbe eleito herói
civilizante, doador da paz.
Édipo! Édipo! Por que não saís
do palácio? Teria sido em vão
que te tornamos rei? Será que não
decifrastes o enigma da mulher-
leoa, natureza animalesca
com cantos insolúvelmente fúnebres?
Édipo! Édipo! Teria sido
tudo engano, ilusão? Teria sido
tudo inútil? O abismo em que a empurrastes
está dentro de ti? Será a esfinge,
ainda, a sombra que se abate sobre
ti e sobre os tebanos, invencível?
Haverá jeito ainda de salvar-nos
ou, aqui, o teu infortúnio está
traçado, como o nosso, não havendo
mais saída, saber, poder, primeiro,
qualquer vitória sobre a natureza?
Já não faltam oráculos e enigmas
a Tebas – temos de aprender com eles.
E se nós todos formos simplesmente
os que nunca sabemos o que somos?

PONTO CEGO (DA FORÇA E DA FRAQUEZA DE NOSSO TEMPO)

“Quem somos?” –
perguntam aos poemas
em busca de uma resposta
que complete a pergunta,
sobrepondo uma, sem falta
nem excesso, à outra.
Mas os poemas repetidamente
respondem que somos
aquilo em que nos perdemos
ao buscarmos encontrar
o que acreditamos ser.
Se insistirem, portanto,
em perguntar aos poemas
de buscas, encontros, crenças...
se insistirem, portanto, em saber
a voz dos poemas, saibam que,
de diferentes modos, eles só dizem

o que não se busca nem se encontra,
a perdição, o fim das crenças,
o que não se oferece a nenhuma frase,
nem mesmo mais a nenhum verso.

Há um ponto cego nos poemas,
como há um ponto cego na vida,
não visto por mim nem por você
nem por ninguém, desde o qual
eles são o que são, um ponto cego
que somente os poemas – talvez –
nem sei – vejam. Se insistirem,
portanto, no trato com os poemas,
se de fato quiserem permanecer
com eles, sejam, ainda que os últimos
afeitos a tal empenho, fortes,
porque quase todos os outros
– sinal dos tempos – os abandonaram.

FECHE OS OLHOS E LEIA

Não há nenhum Virgílio a me guiar
no inferno nem nenhuma Beatriz,
movida por amor, a me salvar
no Paraíso: em meu caminho, estou
sozinho. No lugar que não tem sombras
sem sol nem sol sem sombras, no lugar,
em baixo, sinto o asfalto, em cima, o céu,
no meio estou e nem sei mais se estou.
De tão pequeno, sou ainda menos
que nada. Nada sou. Ou um qualquer
sem nome, musa, deus, inferno ou guia.
Ou um qualquer, no meio do caminho
de sua vida sem começo ou fim,
sem se encontrar achado nem perdido.

ARRANJO PARA ALEX SUPERTRAMP (NA NATUREZA SELVAGEM)

dois anos eu caminho pela terra. sem telefone, sem piscina, sem animal de estimação, sem cigarros. liberdade definitiva. um extremista. um viajante estético cujo lar é a estrada. morei nas ruas com vadios, vagabundos e bêbados durante várias semanas. há um ano, no méxico, eu estava numa canoa e quase me afoguei durante uma tempestade. a neblina e a chuva são frequentemente intoleráveis. os trilhos têm alguns inconvenientes. primeiro, você fica absolutamente imundo. segundo, você precisa se virar com aqueles guardas malucos empunhando um revólver. a desnutrição e a estrada fazem estragos em meu corpo. mais de dez quilos perdidos. o desespero é grande. durante dias, não podia dizer se estava vivo ou morto. mas meu espírito está nas alturas. como é bom estar vivo. aqui, onde sinto que é o meu lugar e que sou uno com o mundo à minha volta. é suficiente que eu esteja cercado de beleza. foi muito difícil pegar carona no território de yukon. mas finalmente cheguei. cheio de satisfação. encho-me de alegria e a esperança explode de novo em meu coração. decidi que vou levar esta vida por algum tempo ainda. a liberdade e a beleza simples dela são boas demais para deixar

passar. não me cansei da natureza; ao contrário, deleito-me cada vez mais com sua beleza e com a vida errante que levo. prefiro a sela ao bonde, o céu salpicado de estrelas a um teto, a trilha obscura e difícil, levando ao desconhecido, a qualquer estrada pavimentada, e a paz profunda do campo ao descontentamento gerado pelas cidades. acho que vou desaparecer por algum tempo. a aventura definitiva, a grande odisseia alaskiana. salto a fronteira. venho pensando cada vez mais que deverei ser sempre um caminhante solitário da natureza. como a trilha me atrai. ao cabo de tudo, a trilha solitária é o melhor. jamais deixarei de vaguear. a beleza deste país está se tornando parte de mim. sinto-me mais desprendido da vida. quero sempre viver com mais intensidade e riqueza. esta é a última vez que você terá notícias minhas. não precisa se preocupar comigo. estou indo muito bem. o principal objetivo deste cartão é agradecer mais uma vez por sua hospitalidade. é raro encontrar um homem tão generoso e de bom coração como você. por favor, devolva toda a minha correspondência para os remetentes. posso demorar muito até voltar para o sul. desde que eu saia inteiro desse negócio do alasca você terá notícias minhas no futuro. se esta aventura se revelar fatal e você nunca mais tiver notícias de mim, quero que saiba que você é um grande homem. e agora, depois de dois anos errantes, chego à última e maior aventura. caminho sozinho sobre a terra para me perder na natureza. caminho agora para dentro da natureza selvagem. estou saindo para viver no meio do mato. salvar o urso fantasma, a besta em todos nós. renasço. esta é a minha aurora. não quero saber que horas são. não quero saber que dia é nem onde estou. nada disso importa. eu me viro com o que tenho. viver da terra por alguns meses. tenho certeza absoluta de que não vou encontrar nada que não possa enfrentar sozinho.

O LIVRO DE HOJE DO AMOR

I - DE PISTOLAS, CRUCIFIXOS E JASMINS

São flores de jasmim que, a cada pétala e, após esta pétala, outra pétala, e ainda outra, e outra, esfrego em sua boca, em seu nariz, nos bicos ferruginosos de seus peitos, em seus quadris, nas dobras da buceta, no colo do seu útero, quando ri e, de repente, grita e, ainda, diz: – Meu Deus! E tasca as pétalas de mim, esfrega-as no meu pau, no cu, no rim, derrama uísque e gelo em meus pentelhos, encharca-me no copo, chupa meus colhões, meu cu – jasmim –, penetra seu dedo em mim, se abre, pétala, para mim. Depois, deitados, conversamos sobre as pétalas de agora, mas do uso também que já fizemos da pistola, do crucifixo, de tudo que, tendo a bitola do nosso amor, nos decola.

II - ARREBENTAÇÃO

Suas vísceras são feitas de cama. Os pulmões, de madeira. A coluna, de uma ripa do estrado. A intimidade das cabeceiras encontro em seus braços. O peito é, certo, um colchão... E onde todos os outros colchões também são fabricados. O intestino, de molas e mais molas. A caixa torácica, de um lençol, de linho, algodão ou cetim. Os rins e fígados, dos relevos do encosto de ferro. O baço, do sono e sonhos do cobertor. O coração, de almofadas espalhadas e macias. Com a mesma fervura com que, na cama, um mar jorra de seus olhos, com a mesma turbulência com que, na cama, um tubo tremendo gira de dentro de sua carne, com a mesma violência com que, na cama, uma buzina de navio sai por sua boca, com o mesmo palpitar com que, na cama, um cetáceo esguicha de sua buceta, sua voz, de novo – e de novo –, repetidamente, na secretária eletrônica, quebra em sequência como ondas que me prendem na arrebentação.

III

----- Original Message -----

From: Cláudio Oliveira

To: Renato Rezende ; Alberto Pucheu ; caio.meira (uol) ; Francisco Bosco

Sent: Monday, September 15, 2008 5:52 PM

Subject: separação

ah, quando dois corpos se unem e não se separam imediatamente depois, quando dois corpos se unem e permanecem ligados por um tempo, como é difícil separá-los depois...

----- Original Message -----

From: Alberto Pucheu

To: Cláudio Oliveira ; Renato Rezende ; caio.meira (uol) ; Francisco Bosco

Sent: Monday, September 15, 2008 6:27 PM

Subject: Re: separação

quando dois corpos se unem e não se separam imediatamente depois, quando dois corpos se unem e permanecem ligados por um tempo, quando, depois da união e da permanência da ligação, é tão difícil separá-los, talvez seja porque não chegou o momento de os separar, talvez seja porque os corpos ainda estejam unidos e, dada a dificuldade da separação, não desejando se separar imediatamente,

talvez, quem queira se separar não seja tanto os corpos, mas alguma coisa que, por fora dos corpos, fala mais alto, alguma coisa que, por fora dos corpos, insiste em ser ainda mais escutada do que os corpos, alguma coisa que insiste em uivar mais forte do que os corpos. mas, se os corpos, unidos, não quiseram se separar imediatamente depois, se os corpos, unidos, permanecem ligados por um tempo, se é tão difícil separar os corpos agora, para que, então, essa obrigação de os ter de separar, para que, então, não escutar os uivos dos corpos de modo que eles possam se sobrepor aos outros uivos que, por fora dos corpos, insistem em se fazer escutados?

Gostaria de convidá-los a visitar meu site:

www.albertopucheu.com.br

apucheu@gmail.com

IV - CERTIDÃO

Seria preciso demarcar com rigor o momento exato em que deixamos de amar alguém. O ano. O mês. O dia. A hora. Os minutos. Não precisaríamos, entretanto, dos segundos, que, para isso, seriam totalmente irrelevantes. Se soubéssemos ao menos os minutos, a hora, o dia, o mês e o ano, seríamos poupados de muito sofrimento. Porque o incisivo de uma marca, o inscrever-se do acontecimento em uma data, nos daria pelo menos a certeza de que deixamos de amar alguém. Do mesmo modo que uma certidão de nascimento ou de óbito nos torna inteiramente convictos dos dois extremos da vida de uma pessoa, ainda que não saibamos mais nada acerca dela ou – mesmo – da gente.

V - NÃO SÃO SÓ PALAVRAS

“Algumas vezes foi preciso tirar os sapatos
para ficar da altura da vida”.

(Caio Meira)

Todos os dias lutamos

para algo ao menos permanecer o mesmo

em nós: o amor.

Mas há dias de o amor pedir o esquecimento

de telefone quebrado, celular desligado, google talk desativado,

de nem passarmos por perto do facebook e de fugirmos mesmo

de casa,

dos bares frequentados, de fugirmos da cidade em que moramos

para fugirmos, se possível, das questões, às vezes crassas, do amor.

Tentarmos, ao menos, fugir, porque, na fuga, ainda encontramos,

na solidão de um novo lugar, a insônia das questões do amor

no que em nós gostaria tanto de calmamente dormir.

O outro expondo em nossa frente, de maneira irredutível,

irrefreável, incontornável, mais do que as vísceras,

a cavidade por onde elas emitem suas formas, odores e tingimentos,

o outro expondo sofregamente em alguns minutos

– ou pouco mais – o que de mais íntimo, esquivando-se, vergonhoso,

escondeu durante anos, o outro finalmente expondo sua verdade

sofrida, expondo-se de fato, expondo seus fatos,

trazendo você para dentro da cratera,

implicando-o nela, não lhe deixando alternativa

para você dizer que não tem nada a ver com todo aquele vazio,

com toda aquela sujeira. Ou talvez tenha.

E talvez você tenha mesmo de fugir

por um tempo, talvez tenha chegado o momento

de o amor trazer o seu reverso – que sempre chega –,
o seu ódio, o seu horror, o seu desprezo.
E talvez por isso mesmo tenha chegado o seu momento de fugir,
e talvez seja disso que trate a poesia,
do jeito que cada um tem de se afastar,
do jeito que cada um tem de se safar,
e talvez seja também isso, o rastro de uma fuga
minimamente bem-sucedida, a poesia.
E talvez seja ainda isso que ele tenha querido dizer
ao escrever: “Pensei em navegar um pouco
e visitar o mundo das águas. É o meu jeito
de afastar a melancolia e regular a circulação.
Sempre que começo a ficar rabugento, sempre
que há um novembro úmido e chuvoso
em minha alma, sempre que, sem querer,
me vejo parado diante de agências funerárias,
ou acompanhando todos os funerais que encontro,
e, em especial, quando minha tristeza é tão profunda
que se faz necessário um princípio moral muito forte
que me impeça de sair à rua
e rigorosamente arrancar os chapéus de todas as pessoas,
então percebo que é hora de ir o mais rápido possível
para o mar. Esse é o meu substituto para a arma e para as balas”.
Nem todos temos o mar para nós ou, se o temos,
não o temos suficiente para ser o nosso substituto
para a arma e para as balas. Não fugimos necessariamente
para o mar, mas fugimos para algum lugar, mar,
ásias, áfricas, músicas, amazônias, desertos,
fugimos para onde, quando saímos de casa,
os mais diversos horizontes nos chamam e, para eles,
por exemplo, escondidos por detrás das muitas montanhas,

rodam os pneus da bicicleta. Na fuga,
erramos muitas vezes por vales e cumes, para cima e para baixo,
por tiras de terras esquecidas entre a floresta espessa.
Em sentidos opostos, fugindo, o pensamento e o corpo
procuram uma planície, com ventos favoráveis
a conduzi-los, finalmente com conforto, numa mesma direção.
Em ocasiões, na fuga, a sorte vem, trazendo e preservando consigo,
ainda por um bom tempo, a alegria mais cotidiana
(e aos alegres uma outra vida é concedida).
Por uma trilha qualquer antiga, ainda encontramos,
na fuga, uma cachoeira abandonada,
em cujo poço nos satisfazemos em mergulhar.
Fugimos, por exemplo, para um sítio qualquer, e,
para além do caminho a dar neste sítio,
pedalamos pelo acostamento de uma autoestrada sem fim
até as pernas enrijecidas, os íngremes pulmões e os pensamentos vão
não aguentarem mais; é hora de um banho no rio por perto
ou de olhar em volta até descobrir piscinas de águas naturais.
É hora, quem sabe, de um poema como este querer começar a nascer.
Visitamos cotidianamente na fuga o sol, as nuvens densas,
os brilhos contrastantemente coloridos do céu,
as pancadas súbitas de chuva e os relâmpagos
que, ao caírem sem parar,
em noites abertas sem jamais suspeitarem das águas das chuvas,
nos deixam num estado de admiração
como só com os fogos de artifício na virada do ano em Copacabana.
Senão mais frequente, o momento da fuga é, entretanto,
mais demorado, fazendo de nós por mais tempo crianças
perdidas, mas abismadas com o novo que encontram.
Por esta criança em fuga, por esta alegria que resta,
por esta admiração retornante, que também chamamos amor,

lutamos, muitas vezes em vão, para ela permanecer em nós,
para nós permanecermos nela, sem que ela escape de nós
como um búfalo arisco que não se deixa agarrar à unha pelos chifres,
sem que ela escape de nós como o entardecer de uma paisagem
no qual quanto mais adentramos mais o perdemos.
O que procuramos no amor não são suas questões
sufocantes a nos fazerem fugir
dele, mas algo da própria fuga, da própria criança,
ainda que perdida, da própria alegria, da própria admiração.
Algo me diz que sem a fuga, não do amor,
mas no amor, não há a possibilidade do amor.

VI - O LIVRO DE HOJE DO AMOR

Há a lei da gravidade pesando alguns sentimentos
contra o chão. Um amor perdido, outros,
partidos, outros, vividos ou não,
deixando no ar um rastro de aflição.
Poucas vezes estamos no lugar em que deveríamos estar,
mas não entendo como, se hoje a festa é lá,
vim parar por aqui onde estou. Se eu gritasse,
talvez o vento deste ar-condicionado levasse o grito
quem importa para onde. Se eu gritasse, quem
seria capaz de esvair meu grito
com mais rapidez do que o sopro deste ar-condicionado?
Os carros continuam passando na rua e alguém,
mais uma vez, quis acabar com o mundo.
Já trepei com putas, viados, travestis
e pessoas muito amadas. E mesmo aquelas
com quem não passei mais do que uma noite,
mesmo aquelas com quem passei menos que uma única noite,
mesmo aquelas nas quais dei apenas um ou dois beijos,
eu poderia ter verdadeiramente amado. Eu poderia tê-las
amado muito. Espremido-as entre a água e o vidro
de meu aquário para nos dar a todos um pouco mais de mar.
Para oxigenar o aquário, para empurrar o vidro
alguns milímetros para fora, para ampliar o espaço,
para não precisar saltar para fora do aquário.
Eu poderia tê-las amado muito como amo você.
Eu poderia tê-las feito realizar algum sonho como fiz com você.
Eu poderia ter-lhes dado momentos de muita alegria
como nós dois nos damos momentos de muita alegria.
Eu poderia tê-las feito sofrer como nos fiz sofrer.

Eu poderia ter... Assim é o amor,
com sua sintaxe esburacada.
Há anos, tentei arranjar O livro de hoje do amor.
Fiz o arranjo, mas não me deixaram publicá-lo
justamente por causa do amor com sua sintaxe esburacada,
justamente porque esburacaria ainda mais
os buracos de algum amor. Na stand up comedy
de ontem, o cara disse não entender
como um homem larga sua mulher
para se casar com a amante, que isso
é como estar numa cela de prisão e escavar um fosso
que vai dar na cela de uma outra prisão.
Aqui, as imagens da fotografia saem do papel,
começam a falar, os personagens e cenários
dos filmes saem da tela, a trilha sonora
de que gosto toca no meu itouch
enquanto caminho pela Lagoa, ou a de que gostamos,
enquanto namoramos na varanda do meu apartamento
ou na do Vale do Socavão. Quantas vezes escutamos juntos
Brad Mehldau, Susanna, Eddie Verder, Cartola,
Odair José, a playlist dos bregas... Aqui,
a legenda e as imagens estão dessincronizadas,
parecem provir de filmes diferentes
que se enxertam no momento mesmo
em que um outro filme está sendo feito
em nossa própria língua. Em nossa própria língua?
Em que fotograma perdido se encontra
uma superfície amorosa de minha vida?
Em que fotograma perdido se encontra
uma superfície de minha vida amorosa?
Em que fotograma perdido se encontra

uma superfície amorosa de minha vida amorosa?
Alcançar uma superfície, algo me diz
que quando alcanço uma superfície
ela me faz entregar-me mais facilmente a um fora qualquer,
e entregar-me mais facilmente a um fora qualquer
é entregar-me mais facilmente ao corpo
da alegria. Porque eu vivo, eu vivo e, vivo, lhe desejo
desde a segunda ou a terceira vez
que a revi, quando eu pedi a você que ficasse
enquanto os outros iam embora. Diferente da primeira
que a vi, dessa vez, repetindo nossa história,
você ficou. Foi, então, um jogo de mãos
por sob a saia, por entre as coxas, por sobre a calcinha,
pelo entorno e por dentro da buceta,
os dedos como se fossem línguas
antecipando os beijos da boca, os olhos olhando a umidade
dos olhos e vendo você de frente e, de repente,
sem roupa e vendo você de quatro e, de repente,
sem roupa e vendo você por volta de mim
me enlaçando e me vendo por dentro de você
a perfurando. Não adianta, a vida é assim.
Enquanto eu viver, que seja em nome de instantes
iguais a esse, que seja em nome de instantes,
que seja em nome do amor, que seja em nome
ao menos de instantes de amor. Estamos imersos no tempo,
ainda que, subitamente, nos damos conta de que
o mais importante do que vivemos
se passa por fora dele. Como seu rosto desesperado
de êxtase na hora do gozo,
como a lágrima que escorre de seus olhos felinos,
como o grito que passa arranhado pelos dentes

contorcendo sua boca. Mas por que é preciso
recobrar o tempo? Por que é preciso
recobrar o tempo e me chamar de um nome
que nem é o meu? Por que é preciso
recobrar o tempo e me chamar pelo nome
destrutivo de seu ex-marido? Por que se ancorar,
de novo, no tempo, no tempo de um nome,
mesmo que esse nome fosse o meu nome? Por que eu
também recobro o tempo em um nome,
no seu nome, se nos damos conta de que o mais importante
do que vivemos se passa por fora do tempo
e dos nomes? Por que, se nos damos conta
de que o mais importante do que vivemos
se passa por fora do tempo e dos nossos próprios nomes,
se passa decisivamente por fora dos nossos nomes próprios?
Porque acabamos por estar em um aquário
e o que nos cabe é espremer o amor entre a água e o vidro
para nos darmos um pouco mais de sal,
para nos darmos um pouco mais de mar,
para conseguirmos tocar a pele áspera e delicada de uma estrela
do mar, sentindo o veludo de um mundo inexplorado
em nossas mãos, para ampliarmos o espaço
alguns milímetros, para oxigenarmos o aquário,
para, na impossibilidade talvez de quebrarmos o vidro,
não precisarmos saltar para fora do aquário.
Como naquela vez em que o travesti da Glória quis comer você
num quarto barato de um motel qualquer (ou teria sido
ainda no banco do carro, na calçada de uma rua mal-iluminada?)
e tanto para você quanto para mim foi um milímetro ou mais
do vidro do aquário se estendendo, ou como naquela vez
em que pegamos duas putas em Copacabana,

trazendo-as para a casa, e nos sentimos naquela noite muito mais livres do que as duas putas juntas, foi também como se o vidro de nosso aquário se afastasse um milímetro ou mais de nós e nós pudéssemos respirar melhor um volume maior de ar. Ou como, ao contrário, nas vezes em que eu a cindo entre mim e sua vida familiar, entre mim e seu filho, entre mim e seu lar, nas vezes em que eu a cindo entre mim e você, entre você e você mesma, ou quando nas vezes em que você me cinde entre mim e meu passado, entre mim e minha ex-mulher, entre mim e você, entre mim e mim mesmo, ou quando me desesperou o fato de você trazer o que seria um filho nosso em sua barriga (quando me desesperou o fato de eu poder ter um filho), como, nessas vezes, o vidro de nosso aquário, tanto o do meu quanto o do seu quanto o do nosso, se torna mais estreito e perdemos nosso ar, com o ar que perdemos, perdemos mais do sal da força da vida. Chamo de amor o que a você me prende, o vidro que ora me asfixia, o vidro que ora me oxigena. Ao deslocar-se deste vidro de que preciso, chamo: amor. Do deslocar-se deste vidro de que preciso, ora me aproximo, ora me afasto. Nos tempos curtos que passo fora, em cidades deste ou do outro lado do Atlântico, sinto falta apenas de lhe oferecer um outro olhar seu – com suas novas exclamações – das coisas que vejo. Quando retorno, arrastados pelas águas salgadas da nossa cidade, arrastados pelo que há de líquido e montanhoso em nosso cenário, vamos constantemente a muitos bares, caros e baratos,

rimos e choramos, bebemos os mais diversos tipos de álcool,
nos amamos e terminamos e nos amamos. Muitas vezes,
seu cigarro parece pontuar a pausa de que precisa
de mim ou mesmo de você: você se torna então
uma península. Cercada do mar de fumaça que a absorve,
mas com um fio tênue de terra a vinculá-la ainda
ao continente. Não importa de que cor,
se da cor do vinho ou da água, se da cor da cerveja
ou da cachaça, se da cor das frutas caipiroscas
ou dos drinques com sombrinhas chinesas,
não importa se da cor noturna do uísque
ou se da cor ensolarada do absinto, não importa se vestido
com as explosões de um céu invisível
ou com a mansidão de um entardecer em um canto da piscina,
são sempre os dedos do amor
que cobrem as horas, as noites, as tardes e os dias.

VII - RABISCOS DA INTIMIDADE ANUNCIADA

seu nariz continua escorrendo.
de tempo em tempo, ela vai ao banheiro
assoá-lo. volta para a cama.
a tosse aumenta, ou diminui, na exata medida
da quantidade de cigarro e maconha que vem fumando.
quando ele se levanta, o tubo da pasta de dente
está apertado pelo meio
e pedaços do creme grudados na pia.
na mesma pia em que ela assoou o nariz.
eles usam as escovas ao acaso.
ela pinta a unha para ficar mais bonita
e não roer a do mindinho.
invariavelmente, ele faz café enquanto lê o jornal no computador,
o que o faz reconhecer
repetidamente
o novo dia.
para ser mais claro: é o café, muito mais do que o jornal,
que o faz reconhecer
repetidamente
o novo dia.
chega a vez de ela ver os e-mails, as postagens,
algumas músicas e animações,
deixando o café para tomá-lo, como ela gosta,
também frio. um dia,
ele mostrou para ela as pinturas animadas
de o velho e o mar, de aleksandr petrov,
e depois ela passou o filme em sala para os seus alunos
de 5 anos, que lhe pediram para o rever
em outras aulas do ano.

quando está com dor de cabeça,
ela toma remédio, mas prefere
os longos minutos que então passa no banho quente.
eles pegam muito trânsito juntos
saindo da cidade nas sextas-feiras.
a música que ela escolhe para dançar em casa,
para afastar a tristeza, é sempre a mesma:
nine out of ten movie stars make me cry
i'm alive. i'm alive and vivo muito vivo, vivo, vivo
feel the sound of music banging in my belly.
hoje, perto do natal, eles foram visitar uma amiga
que lhes telefonou depois de 26 anos,
nos horários mais improváveis,
dizendo que estava internada na clínica san roman.
ela se portou muito melhor do que ele,
muito mais falante com a amiga, muito mais esperançosa
para a amiga, muito mais carinhosa com a amiga em comum,
muito mais alegre com a amiga do que ele.
tem horas em que bate um silêncio nele
sem palavras, em que ele não consegue encontrar
nenhuma palavra, em que ele fica ensimesmado
como na maioria das vezes em que fuma maconha,
o que lhe faz pensar depois
que a linguagem é um jogo de fora, uma festa,
que linguagem, festa, fora e jogo andam juntos.
a amiga fumava ininterruptamente
e dorme no quarto com uma senhora
que não se levanta mais da cama
nem fala uma palavra sequer,
apesar de dirigir mais ou menos o olhar
para quem fala com ela

(ele sabe um pouco, apenas um pouco, o que é isso –
ela deve estar muito ensimesmada,
muito mais do que o pouco
que ele é capaz de suportar,
e talvez não seja inteiramente absurdo pensar,
como ele pensou, que enquanto há o uso da língua
ainda existe uma maneira de combater a solidão).
os remédios da psiquiatria, a família, sabe-se lá se os amigos.

AUTOBIOGRAFIA NO ABISMO DE UM *ENJAMBEMENT*

“Escrevo para conviver com uma marca que desconheço”, é o que pensava enquanto dirigia seu carro, às sete da manhã, pela rua deserta. Não de troncos, águas, lamas, lixos, escombros e os sinais da morte de uma catástrofe anunciada pelo rádio na voz, ao vivo, do prefeito, a não deixar ninguém sair de casa, nem pra trabalhar. A coisa parecia mesmo séria: o tom da voz ao vivo do prefeito às sete e quinze da manhã, numa rádio destinada à música popular brasileira, piorava, em muito, a chuva vista pelos vidros do automóvel que, se era forte, nunca iria impedi-lo de chegar, pontualmente, às sete e meia, à sala do corredor H, da Letras, no Fundão. Talvez ele também pudesse estar pensando que dá aulas do mesmo jeito que ele escreve:

para aprender a conviver com uma marca que desconhece. Não importa. Quem está no momento pensando tal alternativa sou eu, não ele, que pensou o que eu já disse e não vou repetir mais uma vez. Pudera! Quando chegou à faculdade – finalmente –, passando por piscinas d'águas quase olímpicas, terras amontoadas pelas avenidas, postes sem fios, como as árvores, caídos, carros quebrados, com pneus furados, motos largadas em qualquer calçada enlameada, viu que toda dedicação foi mesmo em vão, que seu entusiasmo foi por água abaixo: ninguém na faculdade: só Jorge Fernandes, a quem estava programada uma homenagem. Melhor seria ter ouvido a namorada que lhe telefonara, cedo, prevenindo-o, dizendo que o colégio não iria abrir, para tomar cuidado e não sair de casa. Mas agora era tarde. O que falavam era que estava tudo engarrafado como nunca, o Centro, interditado, o Aterro, sem passagem, que nem cruzasse o campus pra pegar a Linha Vermelha, pois por ela só os ambulantes conseguiam andar. O jeito era esquecer. Tentou a biblioteca, mas estava, claro, fechada. Resolveu então voltar pra casa. Nunca viu uma coisa como aquela: dez horas, eu disse, dez, até chegar em casa. O pior inda estava para acontecer. Sua mãe lhe telefonou estarecida

dizendo ter passado a tarde toda presa
no carro, quando foi a Ipanema atrás
de comprar um casaco visto numa loja.

– Mas mãe, meu Deus, por que você comprou a roupa
hoje, não poderia ser um outro dia?

E, antes que ela pudesse responder, pensou,
assustado, que sua mãe fazia compras
para aprender a conviver com uma marca
que também ela – tal qual ele – desconhece.

*azogue
para viagem*

“Para um poeta contemporâneo que não queira o retorno às fontes clássicas do lirismo e que também não se reconheça nesta abstenção de sentido, resta o difícil caminho de salvar como literatura as linguagens em circulação tumultuadas no agora. É isso que faz de Alberto Pucheu um dos poetas mais originais e intensos do Brasil.

Da lição modernista, Pucheu reteve a estratégia de retirar poesia de todo e qualquer processo de comunicação. Deixando a estrada segura do lirismo, ele envereda pelos atalhos contemporâneos da língua falada e escrita pelos mais diversos atores. Escutador do outro, é com as inúmeras e espúrias vozes que ele constrói seus textos.”

MIGUEL SANCHES NETO